

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS - PPGICH

**RONALDO JOSE GARRIDO**

**A CESTARIA *OOLODA/URUTÚ*: PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL DO  
POVO *MEDZENIAKO* DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA –  
AMAZONAS – BRASIL**

**Linha de pesquisa:** Crítica, Interpretação e História das Formas da Arte.

MANAUS – AM  
2024

**RONALDO JOSE GARRIDO**

**A CESTARIA *OOLODA/URUTÚ*: PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL DO  
POVO *MEDZENIAKO* DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA –  
AMAZONAS – BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humana (Teoria, História e Crítica da Cultura).

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Tatiana de Lima Pedrosa Santos.

**Linha de pesquisa:** Crítica, Interpretação e História das Formas da Arte.

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

R768ac Garrido, Ronaldo Jose  
A Cestaria Ooloda/Urutú: Patrimônio Material e Imaterial do Povo Medzeniako do município de São Gabriel da Cachoeira – Amazonas – Brasil / Ronaldo Jose Garrido. Manaus : [s.n], 2024.  
88 f.: il., color.; 30 cm.

Dissertação - PGSS - Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas (Mestrado) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.  
Inclui bibliografia  
Orientador: Tatiana de Lima Pedrosa Santos

□1. Patrimônio cultural e material. 2. Cestaria ooloda/urutú. 3. Povo Medzeniako. I. Tatiana de Lima Pedrosa Santos (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. A Cestaria Ooloda/Urutú: Patrimônio Material e Imaterial do Povo Medzeniako do município de São Gabriel da Cachoeira – Amazonas – Brasil

**RONALDO JOSE GARRIDO**

**A CESTARIA *OOLODA/URUTÚ*: PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL DO  
POVO *MEDZENIAKO* DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA –  
AMAZONAS – BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura).

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Tatiana de Lima Pedrosa Santos.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Tatiana de Lima Pedrosa Santos (Presidente/Orientadora) - PPGICH/UEA)

---

Prof<sup>º</sup> Dr<sup>º</sup> Geraldo Jorge Tupinambá Valle (Examinador Interno) - PPGICH/UEA)

---

Prof<sup>º</sup> Dr<sup>º</sup> Carlos Augusto da Silva (Examinador externo) - PPGCASA-UFAM)

## AGRADECIMENTOS

Gratidão em primeiro lugar a Deus, pela força para caminhar e trilhar em busca de novas conquistas em conhecimentos. Agradeço às pessoas mais próximas a mim pela simplicidade, apoio e parceria ao longo do período da pesquisa. Aos meus queridos Pai e Mãe, por toda orientação e encorajamento para encarar os desafios, e conselhos extremamente valiosos e necessários. Agradeço às boas e verdadeiras amizades que cultivei ao longo da pesquisa. A todos os colegas do curso, aos produtores de cestarias *Medzeniako* e comerciantes de cestarias, minha gratidão imensa. Aos conhecidos que cruzaram meu caminho e que contribuíram de alguma maneira nesta pesquisa. Agradeço minha querida orientadora, Profa. Dra. Tatiana de Lima Pedrosa Santos, por toda a dedicação, os ensinamentos e conhecimentos compartilhados e que são reflexos da minha trajetória acadêmica e pessoal. Agradeço aos (às) queridos professores (as) e pesquisadores (as) que me acompanham de longa data, especialmente aos professores do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH-UEA) e a banca de qualificação e de defesa final da dissertação, pelas brilhantes contribuições. Agradeço profundamente ao Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela oportunidade de fazer parte deste programa de extrema relevância, por permitir a realização desta pesquisa. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa, a qual contribuiu com as despesas da pesquisa e ajuda financeira. Agradeço imensamente o Povo *Medzeniako* pela confiança e registros de memórias e patrimônio material e imaterial do povo.

Grato!

## RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo contribuir para o fortalecimento e preservação da Memória Cultural, cestaria *Ooloda/Urutú*, sua produção, significado e valorização do patrimônio cultural, material e imaterial do povo *Medzeniako* do município de São Gabriel da Cachoeira - AM. O material faz o trabalho ser uma referência para o fortalecimento, prática, produção e valorização do *Ooloda/Urutú Medzeniako*. A relevância também se justifica por buscar registrar a técnica do uso ancestral da cestaria *Ooloda/Urutú* entre os *Medzeniako*. Povo *Medzeniako*, também conhecido como Baniwa pelos colonizadores, é o povo indígena que vive na bacia do rio Içana, Terra Indígena do alto Rio Negro. O trabalho dessa magnitude, relato do conhecimento, se torna relevante, por ser uma estratégia para valorização e fortalecimento da cultura. Descrever na língua *Medzeniako* e língua portuguesa os desenhos da cestaria *Ooloda/Urutú* faz com que a identidade seja fortalecida. Assim, a pesquisa foca exatamente em ser meio de fortalecimento e (re) existência cultural do povo *Medzeniako* através da “produção da cestaria *Ooloda/Urutú*.” A pesquisa aconteceu por meio do diálogo e registro de informações junto aos produtores da cestaria *Ooloda/Urutú*. Em conjunto, foi possível realizar e definir o sentido às experiências relatadas e identificar aspectos voltados à memória oral e cultural, especificamente à técnica da produção da cestaria *Ooloda/Urutú*, sua relevância, significado cultural e patrimonial para os *Medzeniako*.

Palavras-chave: Valorização da memória cultural. Patrimônio cultural e material. Povo *Medzeniako*. Cestaria *ooloda/urutú*. Significado cultural. São Gabriel da Cachoeira - AM.

## ABSTRACT

This research aimed to contribute to the strengthening and preservation of Cultural Memory, Ooloda/Urutú basketry, its production, meaning and appreciation of the cultural and material heritage of the Medzeniako people. The account of the history and relevance of Ooloda/Urutú basketry for the Medzeniako people; describing in the Medzeniako language and Portuguese the designs of Ooloda/Urutú basketry and reporting the meaning of the material makes the work a reference for the strengthening, practice, production and appreciation of Ooloda/Urutú Medzeniako. The relevance is also justified by seeking to record the technique, meaning and ancestral use of Ooloda/Urutú basketry among the Medzeniako. Medzeniako is the indigenous people who live in the Içana River basin, Indigenous Land of the upper Rio Negro. Knowledge reporting is relevant because it is a strategy for valuing and strengthening culture. Thus, the research focuses precisely on being a means of strengthening and cultural (re)existence of the Medzeniako people through the “production of Ooloda/Urutú basketry”. The research took place through dialogue and recording information with Ooloda/Urutú basketry producers. Together, it was possible to carry out and define the meaning of the reported experiences and identify aspects related to oral and cultural memory in relation to the Ooloda/Urutú basketry production technique, its relevance, cultural and heritage significance for the Medzeniako.

**Keywords:** Valorization of cultural memory, Cultural and Material Heritage, Medzeniako People, Cestaria Ooloda/Urutú, São Gabriel da Cachoeira - AM.

## HATHAMETSA

Liapiñeta khe lhihẽ pineeta khetti likitsindata karo linako lhihẽ koameka mitha khedzaako ka lianhiakakawa lhie yaanheekhetti Medzeniako nai idzaada. Koame piaka oopittoa lhihẽ pandza, linako dali lhihẽ Ooloda. Lhiena linakoapanaa hentte likana kaika lhie Ooloda Medzeniako irhio kaakonaa de. Neeni kanakaika padana ka linakoapanaa nattaita karo nakapaka nhaa yenipettipe. Padana lianako waakoliko hentte Yalanawi nai yaakoliko. Linakhitte kathinaa ni hentte khedzaako liakokanaa yaakawa. Kanakai dali kapoa ni ima wadana koameka lhie yaanheekhetti liñhaata kawa koameka limotto karowa lhie Ooloda nadzeekata kadanakoni nhaa Medzeniako nai. Nhaana Medzeniako nai yeema kape Iniali riko, aayaana makapawani yeepoa lhe. Linahitte lhihẽ yaakotti wadananda linakoehẽ yaanheekhetti, khedzaako watsani. Hentte lhihẽ piñeeta khetti likapa lipheedzalhe wa koameka mitha likadaaka khedzaako linakoapanaa lhie Ooloda hentte napedzo karo nhemaka lianako nhaa yenipettipe ttoa, naamakaro naanheka nadzeekataka Ooloda. Phiome limotto karowa lhihẽ ideenhi khetti linakoehẽ Ooloda, nhaatsa ikaiteri whema nhaa yaanheekape idzeekataka ni poapoa iyo. Pakoakatsa naapidza nhaa yanheekape ideenhika Ooloda waawhaa waitepe hentte wadana linako. Naapidza tsa waakeeta waanheka koameka waroetaka linako lhihẽ yaanheekhetti wadzaada whaa Medzeniako nai.

Yaakotti-kiñoa xooná: *Kanakai dali ka lhie Yaanheekhetti, Inaanitti dzeeka nakhitte dali, Medzeniak-nai, Ooloda poapoa iyodali, Hiipanako.*



## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa mental com Localização Geográfica do Rio Içana no Alto Rio Negro - cabeça do cachorro (SGC).....	20
--	----

## LISTA DE FIGURAS

Figuras 01 e 02 - Comunidade de Nazaré do Rio Içana, vista do alto (drone).....	13
Figura 03 - Mapa mental da comunidade de Cabarí do Médio Rio (SGC).....	14
Figura 04 - Cestaria <i>Ooloda</i> patrimônio das famílias <i>Medzeniako</i> .....	15
Figura 05 - Algumas imagens da trajetória da Sofia Muller.....	23
Figura 06 - Logo Arte Baniwa ( <i>Medzeniako</i> ).....	29
Figura 07 - Autor com cestaria de seu povo.....	30
Figura 08 - Cestaria: Jarras, feita com fibras de <i>arumã</i> .....	31
Figura 09 - <i>Urutús</i> com “grafismos” para comercialização.....	31
Figura 10 – <i>Urutús</i> com diversos tamanhos e diferentes grafismos (para venda).....	31
Figura 11 - Exposição de cestaria para venda. Cestarias: <i>Urutu</i> e balaio.....	32
Figura 12 - Conjunto de <i>Urutús</i> com grafismos e tamanhos variados. Os menores são encaixados por dentro dos maiores.....	32
Figura 13 - Exposição de diversas cestarias produzidas. <i>Urutús</i> , Balaio, Jarras e Komatás.....	33
Figura 14 - Adolescente fazendo a prática de tecelagem ou trançado de <i>Urutú</i> .....	33
Figura 15 - Mulheres no processo e técnica de preparo das fibras de <i>arumã</i> e produzindo cestarias.....	33
Figura 16 - Adolescentes praticam a tecelagem e o trançado do <i>Urutú</i> com desenhos.....	34
Figura 17 – Mulheres produzem cestaria para vender e para uso próprio no seu dia a dia.....	34
Figura 18 - A maneira correta de cortar o <i>Arumã</i> .....	37
Figuras 19 e 20 - Cestos <i>Urutús/Ooloda</i> em diversos tamanhos.....	40
Figuras 21, 22 - Algumas cestarias <i>Ooloda/Urutú</i> com grafismo <i>Medzeniako</i> .....	40
Figura 23 - <i>Urutú</i> com o desenho (grafismo) <i>Íwido hípa</i> - Pé de maçarico.....	41
Figura 24 - <i>Urutú</i> com o desenho (grafismo). <i>Tsiipa Iittipi</i> – Rabo de Pacu.....	41
Figura 25 - <i>Urutús Medzeniako</i> para utilizar ou para comercialização.....	44
Figura 26 - Rabo do peixe pacu.....	48
Figura 27 - <i>Ooloda hente lidana tsiipa iittipi</i> – Cestaria <i>urutú</i> com o grafismo “rabo de pacu”.....	48
Figuras 28, 29, 30, 31, 32 e 33 - (conjuntos horizontais de três). Alguns dos grafismos <i>Medzeniako</i> desenhados nas cestarias.....	52
Figuras 34 e 35 - (atividades e eventos promovidos pela OIBI). Entro de planejamento da organização e a comunidade Tucumã, sede da OIBI.....	62
Figura 36 - Frente da Casa <i>Wariró</i> .....	67
Figuras 37 e 38 - (conjuntos horizontais de três). Autor com cestaria <i>Medzeniako</i> e exemplos de <i>Ooloda/Urutús</i> em sua variedade.....	80
Figuras 39 e 40 - <i>Ooloda</i> , o patrimônio material e imaterial das famílias <i>Medzeniako</i> .....	80

## LISTA DE SIGLAS

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro

ISA - Instituto Socioambiental

OIBI - Organização Indígena da Bacia do Içana

ACIRA - Associação das Comunidades Indígenas do Rio Aiary

TI – Terra Indígena

FUNAI - Fundação Nacional dos Povos Indígenas

RCLE - Registro de Consentimento Livre e Esclarecido

SGC – São Gabriel da Cachoeira

AMIBI - Associação das Mulheres Indígenas do Baixo Içana

UNIB - União das Nações Indígenas do Baixo Içana

UMIRA - União das Mulheres Indígenas do rio Ayari

OCIDAI - Organização da Comunidade Indígena do Distrito de Assunção do Içana

OICAI, Organização Indígena *Koripako* do Alto Içana

AIBRI - Associação Indígena do Baixo Rio Içana

CABC - Coordenadoria das Associações *Baniwa* e *Koripako*

AAMI - Associação Artesãs de Mulheres Indígenas do Médio Içana

AIRC - Associação Indígena do Rio Cubate

ABRIC - Associação Baniwa do Rio Içana e Cuyari

ASSIBK - Associação Baniwa e *Koripako Medzeniakonai*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 A TESSITURA HISTÓRICO DO POVO <i>MEDZENIAKO</i> .....	19
2 MEMÓRIA CULTURAL DO POVO <i>MEDZENIAKO</i> : A Arte Ancestral do <i>OOLODA/URUTÚ</i> .....	24
2.1 Arte Baniwa ( <i>Medzeniako</i> ).....	28
2.2 Cestarias <i>Medzeniako</i> .....	30
2.3 <i>Arumã</i> , material silvestre.....	36
2.4 A arte ancestral, <i>Ooloda/Urutú Medzeniako</i> .....	38
2.5 <i>Urutú</i> , patrimônio cultural do povo <i>Medzeniako</i> .....	40
2.6 <i>Urutú</i> , seu significado para o povo <i>Medzeniako</i> .....	43
2.6.1 Rabo de Pacú ( <i>Tsiipa Íttipi</i> ) um dos grafismos do <i>Urutú</i> .....	45
2.6.2 Outros grafismos <i>Medzeniako</i> .....	50
3. TECENDO OS FIOS DE SUA HISTÓRIA.....	54
3.1 O que significa patrimônio para o povo <i>Medzeniako</i> .....	54
3.2 Como a História do povo está se esvaindo.....	58
3.3 Os movimentos indígenas ligados ao povo.....	58
3.3.1 Principais associações/organizações <i>Medzeniako</i> criadas.....	59
3.3.2 Organização Indígena da Bacia do Içana – OIBI.....	60
3.3.3 Associativismo e Protagonismo <i>Medzeniako</i> .....	62
3.3.4 Outras associações que já foram criadas pelo <i>Medzeniako</i> .....	65
3.3.5 A casa <i>Wariró</i> : casa de produtores indígenas do Rio Negro.....	67
3.4 Por que resistir?.....	75
3.5 Terra e Cultura para o Bem Viver e Viver Bem <i>Medzeniako</i> .....	77
3.6 A produção de <i>Ooloda/Urutú</i> para a atividade das famílias e o comércio.....	80
4. CONCLUSÃO.....	83
5. GLOSSÁRIO.....	86
6. REFERÊNCIAS.....	87

## INTRODUÇÃO

O Rio Içana (*Iniali*) é um território de imensas potencialidades, onde há floresta e água doce que nos encanta; afluente do Rio Negro onde está localizada a comunidade de Nazaré do Rio Içana, no município de São Gabriel da Cachoeira – AM. É o local, território onde eu nasci e vivi até meus 10 anos. Meu nome é *Kaatani*, na língua *Medzeniako*, que significa; “tome cuidado por onde for andar e tenha respeito aos seus próximos”; sou do Povo *Medzeniako*, do clã *Adzaneeni*, e me chamo Ronaldo na língua portuguesa.

**Figuras 01 e 02** – Comunidade de Nazaré do Rio Içana vista do alto (drone).



Fotografia: Isaías Casimiro (drone), 2024.

Frequentei escolas públicas desde início da minha trajetória escolar e acadêmica. Estudei no ensino fundamental e ensino médio completo nas escolas que não adotavam ainda nestas épocas as estratégias metodológicas diferenciadas, como hoje se tem nas escolas indígenas. Fiz Magistério Indígena II pelo projeto *Pirayawára*, formação que me deu a projeção na vida acadêmica e profissional, onde comecei a compreender o quão é essencial, relevante e significativo trabalhar dentro das escolas indígenas de forma diferenciada, trilhando pelo ensino universal, ocidental, intercultural e especificamente dos conhecimentos *Medzeniako*. Assim como no ensino superior, na licenciatura intercultural e formação de professores indígenas, habilitação em ciências humanas e sociais com título de licenciado em educação escolar indígena, curso que frequentei pela UFAM e que foi fundamental para concretude dos conhecimentos essenciais, acadêmicos e profissional para sequência de “pesquisa – pesquisador” no ensino e aprendizagem nas escolas indígenas.

Minha identidade indígena faz parte do Povo *Medzeniako*, sou falante da língua e escrevo na língua, assim como pertencço ao território do Povo *Medzeniako* do Rio Içana, tanto à comunidade indígena de Nazaré quanto à comunidade de Cabarí do Médio Rio Negro, local fundado pelo meu Pai, Silvério Garrido, na década de 90, após sua migração do Rio Içana para o Rio Negro. E hoje a comunidade segue progredindo, com escola indígena do ensino fundamental e ensino médio. Ambos oriundos da terra indígena do Alto Rio Negro.

**Figura 03** – Mapa mental da comunidade de Cabarí do Médio Rio (SGC).



Desenho: Arquivo pessoal, 2024.

Como pesquisador indígena, formador e orientador, alguma das razões que me levaram a realizar a pesquisa desta temática foi por notar a falta de escrita para leitura, sendo que a escrita desse conhecimento seria essencial para atividades e fortalecimento cultural, e essa falta da escrita gera imensa necessidade de referências para utilizar como apoio nas atividades escolares, nas reflexões e debates dentro das escolas indígenas e aldeias no território do meu povo. Trata-se de conhecimento ancestral, patrimônio material e imaterial do Povo, o qual é fundamental para conhecimento da nova geração do nosso Povo. Esta temática só poderá ser pensada, construída, fortalecida e consolidada de fato e de forma satisfatória quando houver a escrita sobre isso. Sendo assim, o presente trabalho busca contribuir para o fortalecimento e preservação da Memória Cultural, material, imaterial e ancestral do povo *Medzeniako*.

A cestaria *Urutú* é feita com “fibras/talas” de *arumã*, uma espécie de planta de haste flexível que pode ser tingida. A cestaria *Urutú* faz parte do conhecimento do povo *Medzeniako*, mas observa-se que esse conhecimento vem se perdendo no decorrer do tempo, pois se verifica a pouca prática de sua manufatura e somente entre os *kanhekhe peri* (anciões), “produtores” desta cestaria, por meio de quem geralmente a produção acontece.



Atualmente existem poucos *Medzeniakonai* que têm acesso ou pratica este conhecimento. Além disso, observa se que esta prática, parece não ser do interesse dos jovens *Medzeniako*, e esta situação nos provoca imaginar que Povo *Medzeniako* deixou de considerar relevante a produção de cestaria para uso da família. A consideração do *Ooloda* como patrimônio da família é notada muito pouco na atualidade. O que motivou a realização deste estudo.

**Figura 04** – Cestaria Ooloda patrimônio das famílias *Medzeniako*.



Foto: arquivo pessoal 2023

E vamos ver ao longo do trabalho, que a influência dos não *Medzeniako* no território do povo *Medzeniako* em décadas atrás, nos provoca buscar entender e refletir como a presença dos não *Medzeniako* de diversas representatividades, dos quais não eram dos *Medzeniako*, deu bastante efeito na vida das famílias do povo *Medzeniako* na região do Içana e em outras localidades e territórios onde estejam os *Medzeniako*. Os não *Medzeniako* que são, por exemplo, missionários evangélicos, católicos, garimpeiros entre outros.

Hoje, se nos formos conversar com mais experiente (idoso) pertencente ao povo *Medzeniako*, a resposta dele referente à presença do não *Medzeniako* entre o povo, tem dado e está dando efeito em maior parte, negativo, desde a chegada ao território do povo e após a presença. Essas presenças prejudicaram diversas práticas culturais *Medzeniako*. Uma delas é a da produção de cestaria. Como? Por influência de outra cultura “não indígena” nesse caso aqui “não *Medzeniako*”, a prática de qualquer conhecimento cultural do Povo *Medzeniako* há décadas atrás que foi afetada. Por exemplo, os missionários, os quais eram de outras religiões (cultura que não é a do *Medzeniako*), viam e diziam, ou “questionavam” a nossa cultura, produção de algum objeto ou alguma manifestação, de forma exagerada, como uma prática do mal ou prática que faz parte do mal, prática que não agradaria ao criador, o “Deus”.

Assim, desde a presença dos não *Medzeniako*, vimos que a troca de mercadoria pelo objeto *Medzeniako* era feita de forma exploratória. A cada momento, o não *Medzeniako* dizia que o conhecimento *Medzeniako* não tinha nenhum valor, nenhum futuro, nenhuma importância. Isso prejudicou a geração *Medzeniako*. Hoje, a resistência do Povo bate de frente a isso. Nós pesquisadores *Medzeniako*, através dos nossos trabalhos acadêmicos, estamos desconstruindo essa parte negativa, plantada entre nosso povo, nossa cultura e aos poucos toda memória, história, o conhecimento e a prática *Medzeniako* vai ganhando fortalecimento, valorização e (re) existência.

Tudo indica que, de fato, assim como diversos relatos históricos nos põem nesta reflexão, os não indígenas nos definiam e definem como povo sem cultura. Noção a qual está sendo desconstruída por nós hoje na academia, através dos trabalhos acadêmicos e científicos. É importante ressaltar que a cestaria *Ooloda/Urutú* faz parte da nossa história, da história do povo *Medzeniako*. Portanto, faz parte do patrimônio cultural e material dos *Medzeniakonai*, compreende a identificação e o modo de ser e de viver *Medzeniako*.

E esta pesquisa se justifica por buscar registrar a técnica, significado e a relevância da produção da cestaria *Ooloda/Urutú* realizada entre os *Medzeniako*. Sendo assim, o relato do conhecimento é relevante, porque pode servir como estratégia para valorização e fortalecimento da cultura, despertando o interesse dos mais jovens em reviver a memória cultural e ancestral do povo *Medzeniako*.

É importante lembrar e relembrar também que o conhecimento da cultura local reforça a valorização das identidades indígenas e do povo brasileiro em sua diversidade cultural. Além disso, a preservação dos conhecimentos incentiva o desenvolvimento da região, uma vez que o artesanato é uma das fontes de renda das famílias *Medzeniakonai* em São Gabriel da Cachoeira.

Os povos indígenas têm resistido historicamente, preservando elementos de suas culturas. Portanto, é considerando relevante o trabalho sobre a Cestaria *Ooloda/Urutú* que ela se torna mais uma estratégia de luta para o fortalecimento das identidades indígenas e das estratégias de sobrevivência no contexto do mundo atual.

Portanto, fundamentalmente, a análise desta temática visa contribuir com o fortalecimento e preservação da Memória Cultural, da cestaria *Ooloda/Urutú*, sua produção, valorização e Patrimônio Cultural e Material do povo *Medzeniako*. Para tanto, com este trabalho, o relato da história e a relevância da cestaria *Ooloda/Urutú* e seu significado para o povo *Medzeniako* ganha mais um passo.



O Povo *Medzeniako* faz parte de um complexo cultural de 23 povos indígenas diferentes de língua *aruaik*, que vivem na fronteira do Brasil com a Colômbia e Venezuela, em aldeias localizadas às margens do Rio Içana e seus afluentes, Cuiari, Aiari e Cubate, além de comunidades no alto Rio Negro/Guainá e nos centros urbanos rionegrinos de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos (AM).

Segundo dados da (Siasi/Sesai, 2014), a população *Medzeniako* é estimada em 7.145 pessoas, no Amazonas, vivendo basicamente de agricultura especializada na mandioca brava, da caça e pesca, em aproximadamente cem aldeias e sítios. Desenvolve uma adaptação em uma região de capacidade de suporte, com solos ácidos, de terra firme, separadas por campinaranas e igapós.

Segundo André e Bonifácio (1996), em épocas atrás, os *Medzeniako* (Comunidade dos *Medzeniako* do Rio Içana, afluente encontrada na margem esquerda do Rio Negro, distante de 700Km da cidade de São Gabriel da Cachoeira e 1.500km de Manaus), de acordo com suas necessidades de sobrevivência, produziam material de preparo alimentício, caça, pesca, vestimenta, realizavam festas culturais e comemorativas, construía abrigo e transporte com materiais tirados da natureza, sem jamais prejudicá-la.

André e Bonifácio (1996) relataram que quando chegaram os estrangeiros, estes gloriavam-se de ver os artesanatos *Medzeniako*, o que fez com que mais tarde se trocasse esses artesanatos por mercadorias. Então os indígenas passaram a produzir e vender sobremaneira aos Colombianos, à FUNAI (Fundação Nacional do Índio), às Missões Salesianas e a outros grupos externos.

São estes os artesanatos que produziam: Flecha e arco para caça e pesca, “*ralo*”, um material específico para ralar a mandioca e depois se tornar uma massa, *Tipiti*, para espremer a massa da mandioca; *Balaios* e *Urutús*, para guardar a massa, farinha, *tapioca*, *beijú*, frutas etc.; Peneira, para peneirar a massa seca e para fazer farinha e *beiju*, tapioca ou *curadá*; *Comatá*, um material específico para tirar goma da massa da mandioca; *Abano*, para virar e tirar o *beijú* do forno feito de argila; Banco para sentar; Pilão para moer a carne cozida, peixe *moqueado*, pimenta e outros, sempre torrados; Pulseiras; Anéis de caroço de tucumã; Cesto e Peneira de cipó para carregar e guardar mantimento; *Zarabatana*, para caça especial de aves; *Japurutu*, *Carriçu* e Flauta, instrumentos musicais, entre outros, cada um com seu específico som harmonioso; Cerâmicas para fazer pratos, panelas, botija de cerâmica para fabricação de bebidas alcoólicas especiais e outros ornamentos para momentos de festas e etc. (André e Bonifácio, 1996).

Os artesanatos indígenas *Medzeniako* são utilizados tradicionalmente para guardar mantimentos como farinha, *beijú*, tapioca e frutas. Eles podem ser feitos de tamanho grande, médio e pequeno, cujas fibras são extraídas de uma planta chamada *Arumã* do mato, a qual passa pelos seguintes processos: ir buscá-la na cabeceira dos igarapés, na terra firme ou na capoeira, tirando na medida, dependendo do tipo de artesanato que se pretende fazer; depois disso raspá-la, lavar, deixar secar e logo após pintar de preto ou vermelho de *urucum*; misturar com verniz do mato para dar tal brilho excelente e, depois de secar a tinta, começa a tirar as talas de tamanho igual, já projetando a produção pretendida, se é o Balaio ou *Urutú*, e tecendo os desenhos que preferir até o acabamento.

Arte Baniwa (*Medzeniako*) é uma marca que identifica o artesanato produzido pelo povo *Medzeniako*, que desde 1997 vem sendo comercializado pela Organização Indígena da Bacia do Rio Içana, no âmbito de um projeto de desenvolvimento de alternativas econômicas sustentáveis para a região do Alto Rio Negro.

Para o povo *Medzeniako*, o *Urutú* faz parte do seu patrimônio cultural e material. É um material fundamental no cotidiano das famílias. Atualmente o *Urutú* é produzido, na maior parte, somente para comercialização. Sendo que a finalidade principal desse material para os *Medzeniakonai*, e especificamente dos ancestrais, seria: material para guardar ou reservar a massa da mandioca, antes e depois de espremer no *tipití*, como também cesta para guardar farinha, *beijú*, roupa e espaço para o bebê, que já engatinha, sentar para lanchar. E, normalmente, os *Urutús* para estas finalidades são feitos no formato grande, dependendo do gosto ou criatividade do produtor da cesta.

Neste trabalho, a abordagem utilizada é a qualitativa, que segundo Godoy (1995, p. 58), “envolve a intenção do entendimento das informações de forma contextualizada através de análise e interpretação dos fenômenos para atribuição de resultados”. Quanto aos tipos/fins é exploratória, por buscar estudar um tema ainda pouco explorado, neste caso, a cestaria *Urutú* e sua importância cultural para os *Medzeniakonai*. Trata-se ainda de um estudo descritivo, pois se pretende descrever na língua *Medzeniako* e língua portuguesa os desenhos da cestaria *Urutú*, relatando seus significados. Quanto aos tipos/meios é bibliográfica e de campo. Busca-se com o levantamento bibliográfico fundamentar teoricamente o tema tratado.

O levantamento de informações referentes à técnica de produção da cestaria *Urutú* e a importância cultural para o povo *Medzeniako* foram realizadas com os próprios produtores da cestaria, que se disponibilizaram voluntariamente para fazer parte da pesquisa, assim como foi relevante a participação dos indígenas *Medzeniako* comerciantes de cestaria, pois o que se

pretendeu colher foram as informações que possam colaborar para a compreensão sobre a importância no passado e atualidade da cestaria para os *Medzeniako*. A forma de abordagem aos participantes da pesquisa foi feita através do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE), também apresentado como meio para garantir o resguardo da privacidade e direitos do participante.

Uma amostra intencional, em que os indivíduos são selecionados com base em certas características tidas como relevantes pelos pesquisadores e participantes mostram-se mais adequada para a obtenção de dados de natureza qualitativa. [...] A intencionalidade torna uma pesquisa mais rica em termos qualitativos (Gil, 2002, p. 145).

A História Oral permite cruzar a vida individual com o contexto social e recuperar aquilo que não foi encontrado em outros tipos de documentação. Contudo, para Alberti (2005), além desse aspecto, a principal característica do método não é o ineditismo das informações, mas privilegiar as vivências conforme a concepção de quem as vivenciou. A história oral pode ser compreendida como percepções de mundo e experiências de vida que constituem narrativas sobre fatos pouco ou nunca evocados nos acontecimentos históricos. Maria Isaura Pereira de Queiroz se refere à História Oral como ferramenta significativa, pois se trata de uma “narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar” (Pereira de Queiroz, 1988, p. 20).

Esta pesquisa só foi possível de acontecer por meio dos registros das informações colhidas de forma colaborada. Através dos diálogos com produtores e consenso da relevância do saber *Medzeniako*, os objetivos propostos puderam ser concretizados. Por meio da busca de construção de sentido às experiências relatadas pelos participantes da pesquisa, e identificando aspectos voltados para a memória oral em relação à técnica da cestaria *Urutú* e o seu significado cultural para os *Medzeniako*, deu-se sentido à construção do trabalho.

## **1 A TESSITURA HISTÓRICO DO POVO MEDZENIAKO.**

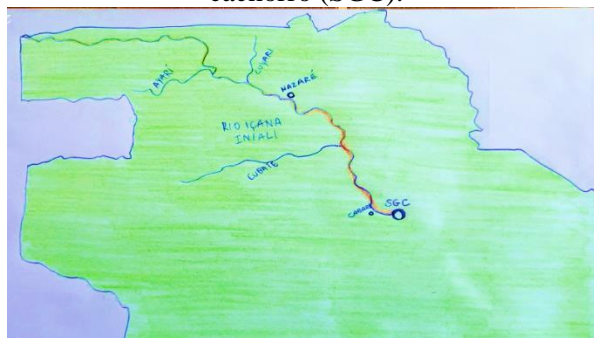
O território tradicional do povo *Medzeniako* fica no rio Içana, mas eles estão espalhados em todo o Rio Negro, nos municípios de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do Rio Negro, Barcelos, Manaus e em outros Estados; uma parte do povo está na Colômbia e Venezuela. Os *Medzeniako* estão distribuídos em aproximadamente 93 povoados, entre comunidades e sítios, com população aproximada de 16 mil indivíduos, cerca de 7.150

peças em solo brasileiro. Os povoados e maior concentração de *Medzeniako* estão localizados no Baixo e Médio Içana e nos seus afluentes Cubate, Cuiari e Ayari.

O Rio Içana é o segundo maior afluente do Alto Rio Negro. Conforme o Plano de Gestão Territorial Ambiental – PGTA (FOIRN, 2020), discutido e elaborado pelos *Medzeniako* e *Koripako*, de 2015 a 2018, o Rio Içana está dividido em cinco zoneamentos geográficos: Baixo Içana, Médio Içana I, Médio Içana II, Rio Ayari e Alto Rio Içana, para facilitar, politicamente, a dinâmica de atuação da organização representativa do povo *Medzeniako* e *Koripako*, denominada *Nadzoeri*, que também é uma das Coordenadorias Regionais da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN.

O Rio Içana possui 696 km de extensão, sendo 76 km na Colômbia, 110 km como fronteira Brasil/Colômbia e mais 510 km até a foz do Rio Negro. O trecho que corre em território brasileiro está inteiramente localizado na Terra Indígena Alto Rio Negro. Nessa região vivem 14 (quatorze) grupos clânicos, sendo 10 (dez) falantes da língua *Medzeniako* e 04 (quatro) de língua *Koripako*. Linguisticamente, predominam 03 (três) línguas indígenas: *Nheengatu* no Baixo Içana; *Medzeniako* no Médio Içana e afluentes; *Koripako* no alto Rio Içana. “A vegetação registra o predomínio de florestas de Terra Firme, igapós e campinaranas” (FOIRN/ISA, 2018).

**Mapa 1** – Mapa mental com Localização Geográfica do Rio Içana no Alto Rio Negro - cabeça do cachorro (SGC).



Mapa mental: Desenho: Arquivo pessoal, 2024.

Os nossos avós e pais relataram e relata que décadas atrás, os europeus chegavam ao território do povo com a finalidade de pegar homens e mulheres para serem escravos deles. Especificamente no território do *Medzeniako*, os que chegavam mais eram os espanhóis. Hoje, na academia em muitos momentos ao lermos outros relatos históricos referentes ao povo *Medzeniko*, percebemos que desde as décadas e séculos atrás, os *Medzeniako* foram tirados e levados do seu território para outros lugares.

Invasão dos colonizadores e missionários que causaram expansão e descimentos do povo para outros territórios nacionais, como Colômbia e Venezuela, por meio do sistema de extrativismo de recursos florestais: balata, seringa, piaçaba. Essas atividades são consideradas como exploração de mão de obra pelos patrões e destruição da cultura com apoio do governo, militares e missionários na época. (Casimiro, 2022, pág. 40.)

O povo Medzeniako, nos últimos séculos, tem experimentado e sofrido situações diferentes de todos os tempos vividos por suas gerações anteriores. Começou a ter contato e presença de não indígena em seus territórios: viajantes, pesquisadores, colonizadores, comerciantes (patrões), garimpeiros, estudantes e políticos partidários. (Casimiro, 2022, pág. 40.)

Os personagens que mais intensificaram a presença em toda a região são os comerciantes, que provocavam mudanças crescentes em diversos hábitos: alimentares, produção de artesanatos, técnicas de pescas, manejo das áreas produtivas das aldeias e outras interferências ocorridas por conta da introdução crescente da cultura não indígena (europeia) na região. (Casimiro, 2022, pág. 40.)

Fico com a seguinte reflexão: então, os *Medzeniako* estão em vários lugares do Brasil e de outros países. Então, os *Medzeniako* foram tirados dos seus territórios não para irem aos outros lugares a terem oportunidade de vida melhor em vários sentidos. Eles foram levados para lugares e territórios do não *Medzeniako*, para serem tratados (as) como objetos, seres humanos vistos e tratados como meio de “autopromoção pessoal”, ou seja, a pessoa que leva outro ser humano para ser escravo dele tem intensão de usar da força do escravo para ele poder conseguir de forma satisfatório o que almeja. E é notável isso. As riquezas que os colonizadores tiveram e tem foram feitas com as forças dos homens escravos.

Conforme os relatos dos nossos avós são notáveis que, com a intensificação da colonização no Rio Negro, no século passado várias doenças começaram também aparecer entre povos do Alto Rio Negro. Várias doenças começaram a se espalhar e ter morte entre os *Medzeniako*. Mesmo não sendo possível hoje ter a estimativa correta de quais eram essas doenças, mas os nossos avós, por exemplo, ouviram falar de que havia várias epidemias e que um dos piores doenças que os afetou eram o sarampo e varíola nas décadas de 1740 e 1780.

É possível notar também, segundo nossos avós, que os missionários e outros não *Medzeniako* do tempo de colonização começavam usar seus remédios. Começaram a introduzir os seus remédios entre eles e davam também para os *Medzeniako*. Segundo meu avô Guilherme Garrido (in memoria), muita gente que não queria tomar vacina ficava muito doente e outros morriam. Então podemos dizer que foi fundamental o que aconteceu nessa fase, por motivos de epidemias, os não *Medzeniako* começaram se preocupar em buscar medicamentos. Talvez experimentar novos medicamentos e ao mesmo tempo os *Medzeniako* também com certeza mostravam aos colonizadores os tipos de remédios tradicionais usados por eles para tratar a doença.

O efeito das epidemias nesse século prejudicou a vida das famílias *Medzeniako*, a qual foi um dos motivos para que várias famílias *Medzeniako* fossem convencidas pelos não *Medzeniako* a deixarem suas terras e irem para as cidades coloniais recém-fundadas no Baixo Rio Negro. Ali trabalhariam para os não *Medzeniako*, colonizadores, na agricultura, na coleta de produtos da floresta entre outros serviços. Os nossos avos relatam que dentro do próprio território, na década de 1780 os povos que não aceitavam sair dos seus territórios eram atacados pelo militares ou forças que colonizadores possuíam. Isso acontecia para que os povos indígenas deixassem seus territórios.

Em vários relatos históricos podemos perceber como o efeito da presença dos não *Medzeniako* se deu entre os *Medzeniako* no seu território. Uma delas é notada nesta publicação no site (Povos indígenas no Brasil - <https://pib.socioambiental.org>. Acesso: 30 de Março de 2024.

As narrativas baniwa sobre essa época são repletas da violência, fugas e terror que marcavam as suas vidas. No entanto, nos anos de 1920 e 1930, surgiu um outro profeta chamado Wétso do clã Adzaneeni, no Alto Guáínia, filho de Kamiko, que novamente fizera campanha contra a invasões, conflitos e desordens entre as comunidades baniwa para restabelecer a ordem moral e a felicidade. Conta a história que Wétso teve poderes iguais ao pai, liderando um grande movimento, realizando festas e consolidando um grupo de discípulos que o considerava como "rei". Comunicava-se com as almas dos mortos e com Deus, que lhe avisou de eventos que iam acontecer. Foi morto pelos seus inimigos; no entanto, os descendentes dos seus discípulos continuam até hoje visitando o seu túmulo para lhe pedir proteção.

Logo após a morte de Wétso, apareceu entre os baniwa, no final da década de 1940, Sophie Müller, uma missionária fundamentalista norte-americana da Missão Novas Tribos, pregando o protestantismo evangélico e, desse modo, reativando as esperanças milenárias entre os índios. Ela iniciou a sua evangelização entre os Koripako na Colômbia, estendendo esse trabalho entre os baniwa do Içana em 1949 e 1950. Pelo menos no início, a conversão dos baniwa ao evangelismo tinha todos os sinais de uma continuação do movimento iniciado por Wétso. Muitos baniwa consideravam Müller como um messias, vinham de todos os lados para ouvir a sua pregação e se converter à nova fé. Em alguns aspectos, a sua missão lidava com o mesmo problema interno que lidavam os profetas: o da bruxaria, que ela identificou em inúmeros lugares. A solução que ela pregava, porém, era o abandono total da pajelança, das festas de caxiri e toda a sabedoria dos antepassados para adotar o novo modo de vida de "crente". A maior parte da população acreditava em sua mensagem milenarista, e que ela era uma emissária de Deus que vinha para anunciar "o fim do mundo".

Na mesma época em que Müller andava no Içana, padres salesianos começaram a abrir uma missão no baixo Içana, num confronto direto com o avanço do evangelismo protestante na região, criando uma situação de conflito aberto entre os seguidores da Sophie e os dos Padres. Müller foi forçada pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) a sair do país em 1953; no entanto, ela manteve contato com os baniwa do Içana, através de seus pastores e outros missionários da Missão Novas Tribos, até a sua morte no início dos anos 90. Num total, ela trabalhou mais de 40 anos entre os Koripako do Guáínia, foi responsável pela tradução do Novo Testamento em três dialetos baniwa, pela formação de dezenas de pastores, assim como a construção de inúmeras igrejas nas comunidades Koripako e baniwa. Até hoje, a população baniwa mantém a divisão entre crentes e católicos, que corresponde aproximadamente às comunidades Walipere-dakenai e seus cunhados



dos rios Içana, Cuiary e Aiary (os crentes); e os Hohodeni e Dzawinai no Aiary e Baixo Içana (os católicos). Porém, a filiação a essas duas religiões, ou a nenhuma delas, é fluida em muitas comunidades. (**Povos indígenas no Brasil** - <https://pib.socioambiental.org>. Acesso: 30 de Março, 2024.

**Figura 05** – Algumas imagens da trajetória da Sofia Muller.



Fonte: acesso em <https://www.daladierlima.com/sofia-muller-a-missionaria-e-o-chamado/30> de março, 2024.

Atualmente a religião evangélica é praticada de forma frequente no território do povo *Medzeniako*. Médio rio Içana é a região do território onde se concentra a maioria das comunidades evangélicas e na sequência a região alto rio Içana, no território do povo *Koripako*. As comunidades evangélicas realizam conferências a cada seis meses em diferentes comunidades. Esses eventos reúnem aproximadamente 500 a 1000 pessoas por evento.

Durante as duas últimas décadas, os baniwa enfrentaram uma nova onda de penetração branca, a serviço da política de segurança nacional do Estado ou dos interesses de companhias mineradoras. A partir dos anos 1970, quando foi anunciada a construção da rodovia Perimetral Norte que atravessaria suas terras, seguidos pela construção de pistas de pouso e, desde 1986, da implantação do Projeto Calha Norte, a área recebeu frequentes visitas de comissões do alto escalão do governo federal. Agravando a situação, desde o início da década de 1980, garimpeiros e, em seguida, companhias mineradoras, protegidos pela Polícia Federal, invadiram o território baniwa, trazendo a destruição ambiental e vários casos de violência.

Diante dessas invasões, os baniwa inicialmente reafirmaram sua postura histórica de autonomia com relação aos brancos. Os “capitães” das comunidades baniwa reivindicaram o controle sobre seus recursos minerais e se colocaram contra a presença de mineradores brancos em suas terras. A pressão constante exercida pelas empresas, apoiadas pela repressão da Polícia Federal, acabou gerando graves divisões internas: algumas comunidades ficaram a favor da entrada das empresas, outras não. Ao mesmo tempo, o Projeto Calha Norte ameaçou diminuir

drasticamente o território não só dos baniwa ,mas de todos os indígenas do Alto Rio Negro. Nessas circunstâncias, vários líderes surgiram para organizar melhor a resistência. A participação ativa desses líderes na Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), fundada em 1987, e na política partidária, e a criação de diversas associações locais de comunidades baniwa - tais como a Organização Indígena da Bacia do Içana (OIBI), a Organização das Comunidades Indígenas do Rio Aiary (ACIRA), entre outras - representam uma nova configuração de articulações políticas que vêm definindo as demandas concretas e específicas destas comunidades. (**Povos indígenas no Brasil** -<https://pib.socioambiental.org>. Acesso: 30 de Março, 2024.

Passadas décadas de contato, hoje, o povo *Medzeniako* segue com sua própria forma de organização, tem suas próprias escolas, associações indígenas, estão acessando espaços nunca ocupados por indígenas *Medzeniako*, lugares de destaque no governo, a nível municipal, estadual e nacional. Hoje vários homens e mulheres *Medzeniako* estão nas universidades Estaduais e Federais em todo país, frequentando curso de graduação, mestrado e doutorado.

## **2 MEMÓRIA CULTURAL DO POVO MEDZENIAKO: A Arte Ancestral do OOLODA/URUTÚ.**

Povo *Medzeniako* pode também definir a memória cultural como “práticas ancestrais”, haja vista que diversas práticas culturais ancestrais *Medzeniako* permanecem na memória, e algumas estão sendo praticadas até hoje. As técnicas de produção de cestarias e “artesanatos” são alguns dos conhecimentos ancestrais vivos e que até hoje resistem entre o povo *Medzeniako*.

A memória cultural, segundo Assmann (2013), é composta por patrimônios simbólicos materializados em monumentos, documentos, ritos, celebrações, objetos, textos, escrituras, desenhos entre outros suportes e meios de registros “mnemônicos” (objetos históricos, que marcaram ou marcam na vida e espaço de um certo lugar) que funcionam como gatilhos para acionar significados associados ao que passou. Além disso, remonta ao tempo mítico das origens, cristaliza experiências coletivas do passado e pode perdurar por milênios.

Assmann, a partir do seu trabalho "O Passado no Presente: Dimensões e Dinâmicas da Memória Cultural”, aborda o tema da memória, realizando uma diferenciação entre dois tipos de memória: a comunicativa, relacionada à transmissão prolixa das lembranças provindas da vida cotidiana, que se expressa via a oralidade, e a memória cultural, alusiva às recordações objetivadas e institucionalizadas, que podem ser registradas, transmitidas e reincorporadas ao longo das gerações.



Não estamos ainda habituados a falar da memória de um grupo. Mesmo por metáfora... Admitimos, todavia que haja, para as lembranças, duas maneiras de se organizar e que possam ora se agrupar em torno de uma pessoa definida, que as considere de um ponto de vista, ora distribuir-se no interior de uma sociedade grande ou pequena, de que elas são outras tantas imagens parciais. Haveria então Memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas (Halbwachs, 1990, p53.).

Maurice Halbwachs, em seu livro “Memória Coletiva”, aborda o fenômeno da memória como elemento construído de acordo com os fatos sociais e o contexto histórico dos indivíduos. Halbwachs (1990) categoriza memória coletiva como algo que não é individual. Segundo ele, as memórias saem da dimensão individual, pois as lembranças de cada sujeito nunca são apenas suas, elas fazem parte de uma memória de conjunto, de um grupo social. Halbwachs (1990) também aborda as diferenças entre o que é memória coletiva e memória histórica, sobre as quais afirma que a memória histórica busca reconstruir o passado através dos registros históricos, na busca por entender o presente.

Referenciado a isso, é possível hoje dizer que, para o povo *Medzeniako*, o *Urutú* é um material e patrimônio histórico: ele, por si só, pela sua relevância na vida das famílias *Medzeniako*, é uma marca e permanece na história das aldeias *Medzeniako*. A reconstrução da memória histórica do povo se torna uma forma de entender a importância do conhecimento desse mesmo povo. É necessário que aconteça registros através de pesquisas, pois é um caminho para manter a memória preservada.

Os mais experientes *Medzeniako* relatam que a prática de produção de *Urutú*, por exemplo, segue sendo repassada de geração em geração porque o conhecimento segue na memória. Relatam que isso tem muito a ver com a visão para o futuro. O povo *Medzeniako* tem conhecimento também de que a manutenção, fortalecimento e valorização da cultura e da memória de um povo somente se torna possível quando há vínculos identitários. A memória carrega o passado, porém a partir da dinâmica do presente.

A cultura traz consigo a história. Muitos dos homens, assim como mulheres *Medzeniako*, têm em sua memória essa parte do cotidiano. Por exemplo, as cenas dos momentos que seu Pai, seus Avôs, seus Tios, Parentes ou outras pessoas da Aldeia exerciam a prática cultural de tecelagem de *Urutús*; todos os procedimentos da produção da cestaria ficaram na memória porque estavam ali convivendo. É a partir dessa memória que os homens e mulheres *Medzeniako* repassam aos seus filhos e netos o conhecimento, e que estes iniciam suas experiências e, assim, outros começam praticar a produção de cestas.

O povo *Medzeniako* entende que um dos caminhos e a melhor forma de resguardar a memória, a história e a cultura, por exemplo, se tratando da produção de *Urutú*, é com a transmissão da prática e técnica de produção das cestarias. Pois o lugar da memória no momento são os seus conhecedores e produtores. Hoje, muitos dos produtores da cestaria relatam que seria necessário trabalhar intensamente com os mais novos, homens e mulheres, para manter o conhecimento, e isso pode até ser um dos caminhos para o fortalecimento da memória cultural e conhecimento cultural do Povo.

Nesse caso, em minha opinião, para complementar a estratégia dos conhecedores e produtores de cestaria *Medzeniako* em relação à preservação do conhecimento, deve haver a criação de um “Lugar de memória *Medzeniako*”, ou seja, museus, casas de memória, entre outros, em São Gabriel da Cachoeira. Esses locais e espaços seriam para guardar as cestarias, assim como outros materiais que pertencem ao conhecimento do Povo *Medzeniako*.

A noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade da diversidade além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos, uma vez que a resposta “racial” está cada vez mais desacreditada, à medida que há avanços da genética das populações humanas. Denys Cuche, (1999. Pág. 09)

O homem é essencialmente um ser de cultura. O longo processo de hominização, começado há mais ou menos quinze milhões de anos, consistiu fundamentalmente na passagem de uma adaptação genética ao meio ambiente natural a uma adaptação cultural. Ao longo desta evolução, que resulta no *Homo sapiens*, o primeiro homem, houve uma formidável regressão dos instintos, “substituídos” progressivamente pela cultura, isto é, por esta adaptação imaginada e controlada pelo homem que se revela muito mais funcional que a adaptação genética por ser muito mais flexível mais fácil e rapidamente transmissível. Denys Cuche (1999, pág. 09)

A noção de cultura, compreendida em seu sentido vasto, que remete aos modos de vida e de pensamento, é hoje bastante aceita, apesar da existência de certas ambiguidades. Esta aceitação nem sempre existiu. Desde seu aparecimento no século XVIII, a ideia moderna de cultura suscitou constantemente debates acirrados. Qualquer que seja o sentido preciso que possa ter sido dado à palavra - e não faltaram definições de cultura - sempre subsistiram desacordos sobre sua aplicação a esta ou àquela realidade. O uso da noção de cultura leva diretamente à ordem simbólica, ao que se refere ao sentido, isto é, ao ponto sobre o qual é mais difícil de entrar em acordo. Denys Cuche 1999, pág. 11.

A defesa da autonomia cultural é muito ligada à preservação da identidade coletiva. “Cultura” e “identidade” são conceitos que remetem a uma mesma realidade, vista por dois ângulos diferentes. Uma concepção essencialista da identidade não resiste mais a um exame do que uma concepção essencialista da cultura. Denys Cuche 1999, pág. 14.

Segundo Laraia (2005), o conceito de cultura como conhecemos hoje, foi enunciado pela primeira vez pelo antropólogo Edward Tylor. No séc. XIX, a palavra germânica *Kultur* era aplicada aos aspectos espirituais das comunidades, e a designação francesa *Civilisation* às realizações materiais dos povos e trazia associada a si a ideia de progresso. Tylor, citado por Laraia, sintetizou estas palavras num único termo em inglês “Culture”, definindo-a como “[...]”

um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Tylor, apud Laraia, 2005, p .25).

Para Laraia, Tylor formalizou uma ideia que vinha ganhando consistência bem antes de sua existência. De John Locke até as perspectivas antropológicas mais contemporâneas, pretendemos compreender a evolução da ideia de cultura na visão da antropologia. Acreditamos que esse entendimento seja crucial para o aprofundamento da nossa análise crítica sobre a cultura dos povos indígenas da Amazônia. Tylor, segundo Laraia (2005), acreditava que a cultura poderia ser (1632 – 1704) por exemplo, procurou demonstrar um século antes de Tylor:

[...] que a mente humana não é mais do que uma caixa vazia por ocasião do nascimento, dotada apenas da capacidade ilimitada de obter conhecimento, através de um processo que hoje chamamos de endoculturação...Locke refutou fortemente as ideias correntes na época [...] de princípios ou verdades inatas impressos hereditariamente na mente humana [...] (Laraia, 2005, p. 25-26).

A memória e a tradição cultural do povo *Medzeniako* são mantidas, quase exclusivamente, por meio da história oral, repassadas dos pais para os filhos e de geração a geração, tornando a tradição oral de um valor imensurável na perpetuação da cultura e na formação de vida do indivíduo *Medzeniako*. A história oral é, portanto, uma referência ímpar que vai reger a vida individual e coletiva de cada pessoa pelos diversos ambientes que ela transita. Para Luciano (2011), o testemunho oral é uma fonte segura que inspira a vida, seja no presente seja para o futuro dos povos indígenas, ou seja, vale mais a palavra do que a escrita.

Esses aspectos referenciais de oralidade começam a se contrastar no ambiente escolar, quer seja indígena ou não indígena, onde o aluno *Medzeniako* se depara, geralmente, com uma cultura diferente da sua e onde se ensina o letramento fora da perspectiva intercultural, tendo como base a educação por meio da escrita. Desse modo, a escola se torna um primeiro momento de contato com o mundo não indígena, pois, apesar de muitas escolas serem indígenas, ainda conservam, muitas vezes, todo o funcionamento e pensamento eurocêntrico. Sobre isso, Rosenilda Luciano (2019, p. 104) argumenta que:

Desse modo, alfabetizar e letrar se resumiam a ensinar a criança a ler e escrever e, ao mesmo tempo, disseminar e internalizar a visão de mundo dos ocidentais, os modos de vida, a forma de organizar a sociedade, os valores, as cosmovisões, as relações interpessoais. O que também obviamente gerou fortes impactos e incidências sobre a vida das comunidades indígenas. Além disso, o processo de alfabetização esteve sempre associado à ideia de impor nas crianças e povos

indígenas toda ideologia, toda forma de organização política, econômica, social e cultural dos colonizadores portugueses e de outros povos que colonizaram o Brasil.

Em suma, a memória evoca os elementos do passado e faz com que possamos entender o tempo presente. E, nesse ponto, os povos indígenas têm muito a contribuir na busca de um mundo melhor para a humanidade mais sustentável, culturalmente e ambientalmente, pois sua vida sociocultural está alicerçada no contato com a natureza. Assim, a história oral contribui com a construção da história das nossas aldeias através do diálogo por meio da entrevista e escrita, a qual pode ser fundamental no fortalecimento, perpetuação e manutenção do nosso modo de vida milenar.

## 2.1 Arte Baniwa (*Medzeniako*)

Falar de Arte Baniwa entre o povo *Medzeniako* ou questionar pessoas do Povo *Medzeniako* sobre o quê ou qual seria o sentido ou significado do termo “Arte Baniwa” (*Medzeniako*) para eles, ou na opinião deles, seria definir o termo conforme sua própria imaginação, definição, olhar, leitura, entre outras formas de definir. Hoje, o termo “Arte Baniwa” é usado como símbolo de comercialização de produtos artesanais, especificamente da Cestaria de *Arumã* e pimenta *Jiquitaia*.

Para nós, *Medzeniako*, a palavra “Arte” significa conhecimento. Portanto todas as técnicas que os *Medzeniako* possuem fazem parte da arte, as quais vêm do conhecimento criado, milenar ou ancestral. Entre o Povo *Medzeniako* há homens e mulheres artistas, especialistas em construir/produzir ou tecer diversos tipos de cestaria. Ou seja, cada homem e mulher tem o seu conhecimento herdado e específico, sua forma de arte.

Palavra de origem latina, *ars*, *artis*, significa técnica, habilidade natural ou adquirida, maneira de ser ou de agir. Segundo o dicionário Houaiss, arte é a "produção consciente de obras, formas ou objetos, voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana" (Fundação Abrinq, 2022. Página digital).

A seguir, podemos ver que povo *Medzeniako* tem buscando sempre meio específico para manter fortalecido o conhecimento. É um dos caminhos fundamentais nas resistências e fortalecimento da prática cultural e milenar do povo. Ainda antes das lideranças, intelectuais *Medzeniako* discutirem o termo e a relevância, o sentido da palavra *Medzeniako*, a qual autodenomina o povo. Diversas atividades e projetos foram implementados ainda com o

termo baniwa. E esse termo baniwa, dado pelos colonizadores, até o momento segue sendo usada por motivo de projetos já realizados anteriormente e haverá ainda questionamentos referentes esta situação em diversos trabalhos acadêmicos, ate que seja definida de fato a palavra *Medzeniako* como nome do povo. Sendo assim, na sequencia, vejamos um dos exemplos de projeto desenvolvido pelos *Medzeniako*, ainda com o nome de Arte Baniwa.

**Figura 06.** Logo Arte Baniwa (*Medzeniako*).



Fonte: [https://pib.socioambiental.org/pt/Arte\\_Baniwa](https://pib.socioambiental.org/pt/Arte_Baniwa).

Arte Baniwa é a marca criada pelos *Medzeniako* para comercializar seus produtos, como a cestaria de *arumã* e a conhecida pimenta jiquitaia. A pimenta Baniwa (*Medzeniako*) é uma mistura de pimentas cultivadas organicamente pelas mulheres *Medzeniako* nas roças e quintais das comunidades do rio Içana e afluentes. Tem sido comercializada externamente através do projeto Arte Baniwa, uma parceria entre a OIBI (Organização Indígena da Bacia do Içana), a FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) e o ISA (Instituto Socioambiental). Esta iniciativa incentiva o povo *Medzeniako* em ter um olhar ou criatividade coletiva e individual.

Por experiência própria, arrisco dizer que muitas famílias ou comunidades fazem esta reflexão, pensam em criar logomarca para comercializar um ou mais produtos que, por exemplo, seriam especificamente de um conhecimento *Medzeniako* e de certa aldeia. Esta iniciativa acima mencionada incentiva o povo *Medzeniako* a ter um olhar ou criatividade coletiva e/ou individual. Mas, em muitos momentos, a ideia não segue em frente por falta de tempo, interesse ou até simplesmente por não ser prioridade de quem esteja na frente da discussão na aldeia.

Na verdade, a arte transforma a forma de imaginar e de entender o mundo. É uma forma de um indivíduo expressar as suas emoções, história e cultura por meio de

valores estéticos, como beleza, harmonia e equilíbrio. Por meio da história da arte, é possível conhecer um pouco mais sobre o ser humano através da evolução das suas diversas expressões, ou conhecer a história e as tradições de um país através de suas manifestações culturais (Fundação Abrinq, 2022. Conteúdo digital).

## 2.2 Cestarias *Medzeniako*.

**Figura 07.** Autor com cestaria de seu povo.



Foto: Ray Baniwa, 2024.

Quando falamos de cestarias *Medzeniako*, estamos falando de arte milenar e ancestral do povo *Medzeniako*. Produção ou tecelagem de cestarias é um conhecimento ensinado aos homens e mulheres *Medzeniako* pelos seus heróis conhecedores. Para o povo, Cestaria faz parte do patrimônio material e cultural de cada família.

Fazer cestaria é plenamente cultural. Ela está mitologicamente relacionada à história do povo que os ancestrais contavam para a nova geração, para manter viva a memória e seguir sendo repassado de geração para geração entre o Povo *Medzeniako*.

Ricardo Cabalzar (1998) relata em uma de suas obras que os diferentes trançados e cestarias tecidos com fibras de *arumã* são artefatos característicos da cultura dos Povos indígenas do Alto Rio Negro. Peneiras, balaios, jarros, cestos e tipitis são indispensáveis nas atividades cotidianas da região.

Os diferentes domínios de saberes fazem com que os homens denominem um artefato, sobretudo de acordo com a matéria-prima de que é feito ou então pelos grafismos que possui (Velthem, 2014).

As mulheres, contudo, consideram antes a sua utilização, seja enquanto recipiente para guardar coisas ou como meio para transportá-las, ou ainda como elementos que permitem processar a mandioca brava e outros alimentos destinados à sobrevivência. Alguns artefatos são usados na cozinha, outros, mais resistentes, são utilizados no transporte de produtos mais



pesados e são confeccionados em diferentes tamanhos, de acordo com a idade e a força do usuário (Cabalzar, 1998).

**Figura 08** – Cestaria: Jarras, feita com fibras de *arumã*.



Fonte: Casa das artes Multiétnicos do Alto Rio Negro.

**Figura 09** – *Urutús* com “grafismos” para comercialização.



Fonte: Casa das artes Multiétnicos do Alto Rio Negro.

**Figura 10** – *Urutús* com diversos tamanhos e diferentes grafismos (para venda).



Fonte: Casa das artes Multiétnicos do Alto Rio Negro.

**Figura 11** – Exposição de cestaria para venda. Cestarias: *Urutu* e balaio.



Fonte: Casa das artes Multiétnicos do Alto Rio Negro.

**Figura 12**- Conjunto de *Urutús* com grafismos e tamanhos variados. Os menores são encaixados por dentro dos maiores.



Fonte: Casa das artes Multiétnicos do Alto Rio Negro.



**Figura 13** – Exposição de diversas cestarias produzidas. *Urutús*, Balaios, Jarras e Komatás.



**Fonte:** Casa das artes Multiétnicos do Alto Rio Negro.

*Medzeniakos* da Aldeia de Cabarí do Médio Rio Negro, produtores das cestarias, relatam que não são somente as mulheres *Medzeniako* que utilizam as cestarias, como relatam diversos trabalhos científicos publicados nos espaços acadêmicos no mundo a fora.

Cestarias são utilizados pelos homens e mulheres *Medzeniako* em diversas atividades cotidiana e conforme a necessidade da família, assim como são produtores das cestarias indivíduos de ambos os sexos.

**Figura 14** – Adolescente fazendo a prática de tecelagem ou trançado de *Urutú*.



**Fonte:** Casa das artes Multiétnicos do Alto Rio Negro.

**Figura 15** – Mulheres no processo e técnica de preparo das fibras de *arumã* e produzindo cestarias.



**Fonte:** Casa das artes Multiétnicos do Alto Rio Negro.

**Figura 16** – Adolescentes praticam a tecelagem e o trançado do *Urutú* com desenhos.



**Fonte:** Casa das artes Multiétnicos do Alto Rio Negro.

**Figura 17** – Mulheres produzem cestaria para vender e para uso próprio no seu dia a dia.



**Fonte:** Casa das artes Multiétnicos do Alto Rio Negro.

Nós, homens *Medzeniako*, utilizamos *Urutú*, por exemplo, para colocar a farinha que acaba de ser tirada do forno; muitas vezes é homem que exerce essa atividade como forma de auxiliar a esposa, mãe, irmã ou parente que esteja produzindo a farinha. O *Urutú* é utilizado pelos homens *Medzeniako* para carregar a mandioca antes e depois de ser ralada. Os homens *Medzeniako* utilizam as cestarias, especificamente o *Urutú*, para fazer a mistura e divisão da massa da mandioca; para guardar seus materiais de pesca e caça. E há outras formas que os *Urutús* são utilizados pelos homens e mulheres *Medzeniako*, conforme as suas necessidades cotidianas, culturais e as finalidades que os levam a produzir cestaria.

Ainda nas décadas passadas, as cestarias de diversos tipos eram utilizadas de forma frequente pelos homens e mulheres *Medzeniako*, em diversas atividades cotidianas e conforme as necessidades da família, como já mencionado acima. Hoje, é notável o pouco uso das cestarias pelas famílias. Os seus relatos indicam que o motivo do pouco uso das cestarias é a influência atual das indústrias.

Nos dias de hoje, a maioria das famílias do povo *Medzeniako* não acha mais relevante e necessário o uso das cestarias nas atividades cotidianas porque os objetos adquiridos nos comércios são considerados os melhores. Por exemplo: bacia e balde de alumínio ou plástico são os mais utilizados nos cotidianos de cada família, e esses materiais e objetos adquiridos nos comércios da cidade são os que ocupam o lugar das cestarias. Ou seja, as indústrias hoje provocam e prejudicam a prática de produção das cestarias. Mas os produtores persistem e resistem, apesar de serem poucos os que continuam produzindo cestarias; os que estaram estão produzindo e vendendo para os que as comerciam. Assim, essa estratégia de produzir e vender é um dos caminhos que hoje visa fortalecer e contribuir com a prática de produção e valorização da memória cultural do povo.

Os trançados das cestarias são produzidos a partir de técnicas de manufatura que empregam tanto as mãos como os dedos. Para os *Medzeniakos* os gestos que são necessários para a confecção das cestarias, permitem identificar as diferentes técnicas de produção. Desta forma, a cestaria, a tecelagem e a técnica de produção são categorias designadas pelo mesmo termo, porque essas técnicas empregam as duas mãos em movimentos. A necessidade de usar ambas as mãos indica que a cestaria constitui uma técnica na qual se trabalha intensamente, ao contrário daquelas que empregam apenas as pontas dos dedos e unhas, como na tecelagem da peneira, abano entre outros.

Os trançados dos *Medzeniakonai* são produzidos a partir de diversas técnicas de entrançamento. Os objetos de cestaria maiores requerem uma técnica flexível, os produtores

relatam que são feitos mais rápido e são fáceis de serem confeccionados. Mas, aqueles menores e com desenhos são mais complicados e requerem um longo aprendizado e dedicação.

Os produtores das cestarias, afirma que existe período do dia que as cestaria devem ser confeccionadas, para tenha boa qualidade. O meu avô Guilherme Garrido (in memoria) dizia que o horário melhor para produzir ou continuar a confecção de *tipiú* ou *Urutú* é pela manhã. Antes do café da manhã ou após, as 17h00min em diante ou quando o dia fica está nublado ou amanhece chovendo.

Meu avô tinha uma casinha de palha, “uma cassa feita de palha de *caraná*, madeira, cipó e paxiúba” era o local onde ele se acomodava para produzir suas cestarias. Mas às vezes ele preferia ficar em baixo dos pés de plantações dele, próximo a sua casa, de preferência onde esteja batendo o vento natural. Outros produtores preferem ficar na porta de sua cozinha, onde a luz do dia esteja clareando bem. Mas cada produtor tem sua própria preferencia do espaço para praticar sua tecelagem de cestaria.

Atualmente, maioria dos produtores que fazer para vender, a confecção de cestaria se torna uma atividade diária deles, tanto homens e mulheres. Produção de cestaria é meio de subsistência para estas famílias em São Gabriel da Cachoeira. Ou seja, o auto sustentabilidade é atualmente experimentada por algumas famílias hoje de forma individual e coletivo. Entre famílias, muitos homens produzem cestarias e mulheres fazem colares e objetos com sementes, tucum, talas de arumã entre outros materiais, para comercializar e renda para família.

### 2.3 Arumã, material silvestre.

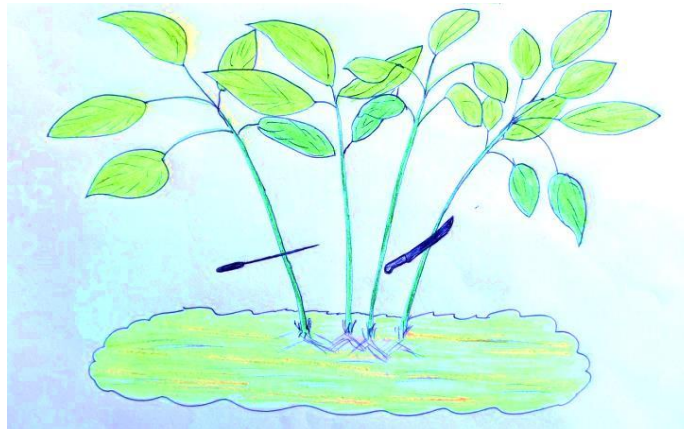
O *arumã* é uma matéria-prima muito valorizada nas aldeias *Medzeniako*. Esta espécie de planta é encontrada próximo aos igarapés, nas beiradas das roças antigas e próximo aos quintais das casas na aldeia. Por exemplo, numa das Aldeias *Medzeniako*, Cabarí do Médio Rio Negro, esta planta é encontra bem próximo à aldeia, aos igarapés e roças.

Na Amazônia brasileira, os artefatos produzidos pelos povos indígenas com fibras vegetais possuem ampla distribuição. Estas matérias-primas são leves, flexíveis, transportáveis e renováveis. Permitem a produção de uma grande variedade de objetos trançados que revelam complexas técnicas de confecção e, podendo ser tingidas, as fibras vegetais possibilitam que grafismos sejam elaborados. Outros aspectos significativos estão relacionados com as funções que os objetos de cestaria desempenham, tanto na vida diária, como nos rituais, sem esquecer aqueles que

estão conectados com as relações familiares desenvolvidas por seu intermédio (O livro do Arumã – ISA, 2014).

Os produtores da cestaria usam técnicas específicas na hora de cortar os caules. São cortados “os *arumãs*” que servem para se fazer a cestaria, ou seja, os *arumãs* que estão próprios, já que aqueles que estão com o período muito avançado de crescimento não servem para a cestaria, assim como os *arumãs* que ainda estão com o tempo de crescimento “muito novo” não servem para fazer cestaria e outros artesanatos, por conta de suas fibras. Há o período certo e tipo de *arumã* específico a ser escolhido, por exemplo, para produzir o *Urutú*.

**Figura 18.** A maneira correta de cortar o *Arumã*.



Desenho: Arquivo pessoal, 2024.

*Ayaahã kanakaide paanheka koameka patakhaaka nha poapoa. Karotsa pattaihenika patakhaaka komekatsa lhie linana. Kadzoahã: palhiosta patakhaaka ni matsheeta iyo khedzaako, yapará phepaka lhie matsheeta, phetakaro phítso me niana. Lhiatshe karokadaa patakhaa matsia nhaa, karotsa matsia karo palhio nhaa patshawa kadanako koena nhaa. Neeni palhiotsa patakhá ka lhie poapoa matsheeta kemaite iyo.*

*Namottoka karo matsiape nhaa poapoa palhio, kanakaide paanheka koameka padeenhika nhaa. Patakhá kadzaami nhaa, palhiosta pakotshoka nha matsia, liphontte pherika nhaa, hentte liphontte paatseenakha papará nerowa ooniriko. Liphontte, neeni khantsa patshawa nhaa. Kadzo lhiena papaani ka pha padapenaa. Hentte nhaa apaana poadzana nanaani ka, metsa kanekatseena, poadzapodza me lhie paanheekhe.*

O *arumã* (*Ischnosiphon* spp.) é uma planta da família das marantáceas que cresce em touceiras em terrenos úmidos ou semialagados e rebrota após o corte (Velthem, 2014). Segundo Leoni (2005), também é muito comum encontrar a espécie em áreas de clareiras



abertas para a agricultura Baniwa assim como outras espécies vegetais fornecedoras de fibras, resinas e tintas que são utilizadas na confecção dos diferentes artefatos de *arumã*. Conforme relata Baniwa (2018), esses artefatos são enriquecidos com 25 diferentes grafismos tradicionais milenares com significados relacionados à natureza do território do povo *Medzeniako*. As cores das cestarias contam com fixadores especiais do conhecimento e manejo do povo *Medzeniako*.

São conhecidas e utilizadas duas espécies de *arumã*, sendo que o “*arumã* verdadeiro” *Poapoa*, é preferencialmente empregado na produção de artefatos duráveis, resistentes a um uso intenso e cotidiano, como é o caso do *Urutú* grande, usado para carregar e trazer produtos da roça e armazenar a massa da mandioca entre outros. Já o *Oni-poapoa*, é *arumã* considerado muito simples e de pouca durabilidade, não adequado a produção da cestaria padrão *Medzeniako*.

Entre os *Medzeniako*, a coleta do *arumã* é atividade exclusivamente exercida pelos adultos, tanto do gênero masculino e feminino. Os homens, em algumas aldeias, exercem a atividade em maior parte de forma individual, às vezes em pequenos grupos entre parentes próximos. No local onde cresce o *arumã* os caules são cortados, as folhas são retiradas, e os talos reunidos em feixe e amarrados. As fibras/talas e feixes são conduzidas em um cesto descartável feito de folhas de palmeiras (*mokoto*). Antes das talas do *arumã* serem processadas, o cesto ou feixe que contém os caules é armazenado em lugares úmidos, na sombra, debaixo de árvores ou plantação próximo da casa na aldeia, por no máximo três a quatro dias, pois os caules de *arumã* apodrecem rapidamente.

O *arumã* é resistente, flexível e permite reproduzir desenhos (grafismos) nas cestarias. Com o *arumã*, os conhecedores e produtores de cestaria conseguiam e conseguem criar diversos tipos de cestaria para fins pessoal e familiar. O objetivo dos *Medzeniako* quando se faz produção da cestaria é para bem viver e bem estar da família. Assim sendo, tudo o que é fabricado, ou seja, produzido, deve ser cuidado, pois o responsável da família muitas vezes é o produtor da cestaria, o qual faz o trabalho (produção) com muito cuidado e carinho para que o material (*Urutú*) tenha boa durabilidade e, nesse caso, a família demonstra a importância do *arumã* na vida cotidiana do povo.

#### **2.4 A arte ancestral, *Ooloda/Urutú Medzeniako*.**

O Povo *Medzeniako* produz diversos artesanatos, dentre eles há o *Urutú*. A tecelagem do *Urutú* é feita com fibra de *arumã*. Muito dos trabalhos científicos registram que somente

os homens *Medzeniako* é que produzem *Urutú* e as mulheres só o utilizam, mas, na realidade, o *Urutú* é feito por ambos, assim como ambos os utilizam, segundo produtores da Aldeia de Cabarí.

Ao longo dos tempos, assim como aponta trabalhos acadêmicos e científicos anteriores, como mencionei acima, diversos relatos diziam que apenas os homens *Medzeniako* tinham e ainda teriam o dever de produzir o *Urutú* e que a mulher seria somente a pessoa a poder utilizar. Todavia, vale ressaltar que o *Urutú* é patrimônio da família, do povo. Sendo assim, o *Urutú* é produzido para a família utilizar. O *Urutú* é utilizado pelas famílias do povo *Medzeniako* com várias finalidades.

Os homens *Medzeniako* utilizam o *Urutú* para colocar a farinha quente e torrada que acaba de ser retirada do forno; na maioria das vezes é o homem que o faz, dando apoio a sua esposa no momento da produção de farinha de mandioca. O *Urutú* é utilizado pelos homens *Medzeniako* para carregar a mandioca, o “molho” (mandioca colocada na água por 2 dias para amolecer), como forma de auxílio à sua esposa na atividade de produção de farinha e outros. Eles, ao auxiliarem suas esposas ou família, utilizam as cestarias, especificamente o *Urutú* para fazer a mistura da massa da mandioca; utilizam os *Urutús* para guardar seus materiais de pesca e caça, entre outras formas e necessidades cotidiana de uso assim como a finalidade que levam os *Medzeniako* produzirem o *Urutú*.

*Urutú* é um dos artesanatos da cultura material dos *Medzeniako*. É um dos artesanatos que os casais *Medzeniako* possuem como material do uso cotidiano. Muitas vezes, percebe-se que entre casais, quem produz melhor o *Urutú* é a mulher. Assim como é possível haver entre homens *Medzeniako* uma pessoa na Aldeia que tem boa habilidade nas criações de desenhos ou “grafismos” no *Urutú*.

O *Urutú*, que chamamos de *Ooloda* na língua *Medzeniako*, era e é produzido em tamanhos diferentes. Os produtores, de ambo os sexos, produziam e produzem *Ooloda* segundo sua necessidade cotidiana; eram feitos para atender suas necessidades familiares, trabalhos, entre outras formas de uso. Um dos exemplos que se vê, seria para guardar a massa da mandioca, peixe moqueado e outros pertences, como apontei anteriormente. Aqui, trago imagens do *Urutú/Ooloda* produzido pelo Senhor Silvério Cardoso Garrido para demonstrar o tamanho dos *Urutú/Ooloda* que as famílias produziam para utilizar, cuidar e guardar. Por ser patrimônio da família, faz-se necessário o seu cuidado, para que tenha durabilidade.



Foto: Arquivo pessoal. SGC/Novembro de 2023.

**Figuras 21, 22.** Algumas cestarias *Ooloda/Urutú* com grafismo *Medzeniako*.



Foto: Alfredo Brazão/Wetso Neto.

### **2.5 Urutú, patrimônio cultural do povo *Medzeniako*.**

O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade do mesmo povo. Para os *Medzeniako*, o *Urutú* é um dos artesanatos e cestaria que faz parte de



seu patrimônio cultural. É dele que as famílias *Medzeniako* mantêm o bom convívio e andamento do processo de subsistência na Aldeia. Ou seja, o *Urutú* também faz parte da autossustentabilidade e subsistência de cada família *Medzeniako*.

A partir disso, o *Urutú* para os *Medzeniako* é considerado relevante na vida de cada pessoa e família. É material reconhecido como portador de significados identitários. É nesse sentido que os *Medzeniako* manifestam suas preocupações quando se fala na preservação, fortalecimento cultural e estratégias para manter a memória do povo viva.

O conhecimento cultural da “produção de *Urutú*” e “Cestaria *Medzeniako*”, é fruto do entrelaçamento entre história e memória. O patrimônio, enquanto representante da história e da memória de uma sociedade, reflete sua identidade. O sujeito histórico, a partir de sua memória e história, enxerga no patrimônio a(s) sua(s) identidade(s).

**Figura 23** – *Urutú* com o desenho (grafismo) *Íwido hūpa* - Pé de maçarico.



**Foto:** Alfredo Brazão/Wetso Neto.

**Figura 24** – *Urutú* com o desenho (grafismo). *Tsiipa Iittipi* – Rabo de Pacu.



Foto: Alfredo Brazão/Wetso Neto.

É relevante a permanência da história do *Urutú* entre o povo *Medzeniako*, assim como é necessário sempre manter o fortalecimento da história do *Urutú* entre o povo, principalmente para os mais jovens, cumprindo a perspectiva da escola indígena local.

É essencial, igualmente, a escola indígena de uma aldeia *Medzeniako* compreender este cenário, a transmissão da história do *Urutú* e sua produção. Trabalhar com este tema nas escolas seria um caminho excelente para manter sempre fortalecida a memória, a história do *Urutú*, o patrimônio material do povo.

É necessário compreender o porquê de o “*Urutú*” ser patrimônio do povo *Medzeniako*. Hoje, os mais jovens dirão: “para que *Urutú* se tem bacia de *alumínio e plástico* para comprar nas lojas?”

*Urutú* é patrimônio. Foi o que os ancestrais *Medzeniakos* diziam, de forma diferente, mas fundamental, em décadas anteriores. Por ser excepcional na vida das famílias *Medzeniako*, a produção dos *Urutús* se dava em diversos tamanhos, para diferentes finalidades e necessidades. A real importância na vida cotidiana das famílias é o que faz *Medzeniako* definir o *Urutú* como um dos materiais do seu patrimônio cultural.

Atualmente, há famílias em algumas aldeias que permanecem utilizando e produzindo de forma sustentável os *Urutús*, e consideram os materiais como patrimônio cultural, mesmo que em outras palavras. É o que nos comove como povo *Medzeniako*. Estamos vendo que é necessário encontrar caminhos para manter este conhecimento fortalecido entre o povo. Por mais que esteja na memória da minoria, ainda é possível que se fortaleça e, na sequência, se valorize, assim como a prática de produção tem condição de até mesmo fazer parte dos processos metodológicos nas escolas indígenas das Aldeias *Medzeniako*.

Por fim, é necessário que escola e comunidade compreendam e busquem trilhas para fortalecimento do conhecimento, assim como da importância da história do *Urutú* para assegurar que este marco histórico seja preservado, e devem considerar as estratégias tomadas ou definidas na Aldeia e escola, trilhas e objetos de transmissão de história, tradição e conhecimento para que as gerações futuras aprendam com o passado e possam preservar sua identidade cultural.

## 2.6 *Urutú*, seu significado para o povo *Medzeniako*.

O significado do *Urutú* deve fazer parte do planejamento e procedimento metodológico da escola indígena *Medzeniako*. Como todas as aldeias hoje têm esse espaço para se concentrar, agora é o momento de agir. É papel de escola incluir e considerar importante o ensino das artes e, dentre estas, lecionar a história do *Urutú*, a sua importância.

Há algumas décadas atrás, os produtores do *Urutú* demonstravam a valorização e compreensão do significado desse ofício e modo de fazer. Para os produtores do *Urutú*, para fazer um *Urutú* “bonito”, requer-se muita energia e dedicação. Ou seja, os *Urutús* só ficavam bonitos se o produtor se dedicasse ou o estivesse dedicando ou produzindo para dar de presente a uma pessoa amada.

Segundo relato do meu avô, Guilherme Garrido (*in memoriam*), o qual era mestre em produção de cestaria, ele só produzia um *Urutú* com desenho (grafismo) e bonito quando era minha avó Porcinda Cardoso (*in memoriam*) que pedia um de presente, para usar como guarda-roupa. “Eu gostava de fazer um de tamanho médio com grafismo de *Tsípa Iittipe* (rabo do peixe pacú) para ela, às vezes com os desenhos com tintura da cor vermelha, às vezes com a cor preta, mesmo”, ele afirmava.

As trocas de conhecimentos e valores são imensas e significativas, quando nos referimos aos modos de ser e agir. Estão gravados em nossas memórias e são repassadas de geração em geração como as técnicas de produção de artesanatos, danças, crenças, benzimentos e nossas histórias de origem; e que apesar do contato assimétrico, resistem aos invasores. Aí se estabelece a diferença cultural, quando se consegue ver outra cultura, onde nossas ações não são vistas como naturais, mas são culturais. Onde se aprende e se assimila os costumes dos nossos pais, dos nossos avós durante longos anos.

Cultura para o povo *Medzeniako* constitui a maneira de viver bem, com dignidade e o suprimento das necessidades básicas. O nosso sistema cultural constitui a nossa própria

escola, onde os valores, crenças e rituais são repassados. Os *Medzeniako* têm naturalidade e fundamentalidade ao dizer da relevância dos bens materiais, pois é baseada muito mais no bem viver, em valores, saberes, crenças e ritos que regem nossas vidas, bem como atitudes frente aos desafios vividos, buscando transferir estes costumes a qualquer parte do seu território ou aonde vierem a viver.

**Figura 25** - *Urutús Medzeniako* prontos para utilizar ou para comercialização.



**Fonte:** Casa das artes Multiétnicos do Alto Rio Negro.

Homens e mulheres *Medzeniako* atentam-se a vários aspectos nos objetos trançados: os tamanhos, materiais, as técnicas de confecção, os grafismos, a finalidade, as formas, entre outros, que são importantes para a sua identificação e valorização. Hoje, homens e mulheres, os “casais”, têm muita relação com a produção das cestarias, de ambas as partes, acessando os conhecimentos requeridos: a localização e processamento da matéria-prima, as técnicas de entrançamento, a reprodução dos grafismos e os acabamentos. Todos compreendem a relevância do cuidado e as diferentes formas de utilizar e armazenar adequadamente os trançados nas beiradas das plantações (roças), nos quintais das casas, entre outras formas de cuidado.

Ter *Urutús* ou produzir *Urutús* para uso pessoal e coletivo, assim como considerar o *Urutú* como bem material, é significativo na vida das famílias *Medzeniako*. Ou seja, o homem ou a mulher *Medzeniako* que tem esse conhecimento da “produção de cestaria” é considerado a melhor e mais importante pessoa na Aldeia, ou seja, dentro da Aldeia a pessoa que sabe produzir cestaria é considerada uma pessoa inteligente.

Entre o povo *Medzeniako*, quando se casam, o homem deve presentear sua esposa com um artefato produzido por ele, assim como a mulher deve presentear seu esposo com algum

artefato produzido por ela. O homem sempre escolhe o *Urutú* para dar de presente a sua esposa. Ele é utilizado em diversas finalidades e necessidades da família. Muitos produtores confeccionam o *Urutú* em quantidade diversa para presentear uma pessoa; “uma dúzia de *urutús*”, por exemplo, em diversos tamanhos, “do pequeno até o maior”.

Meu avô Guilherme Garrido (in memória), dizia que, no momento que os filhos casa, os pais e tios do noivo presenteiam o noivo com sua esposa, com melhores artesanatos. Melhores *urutus*. Segundo ele, são nesses momentos que a família do homem que está casando aproveita para demonstrar às famílias da noiva, que a família do homem com quem ela casou são conhecedores e mestres em produção de cestaria. É uma forma de mostrar que somos ricos, segundo ele.

### 2.6.1 Rabo de Pacú (*Tsiipa Íittipi*) um dos grafismos do *Urutú*.

#### *Hathametsa linako*

*Lhiehẽ pineeta kali medzeniako nai yanheekhe inako dali. Liñhaata watsa koameka hentte koamexoopa ka lhie tsiipa iittipi lidana lhie ooloda. Lhiehẽ yanhekhette apawalipena kaadzawa phaketsa danenhi kani nha medzeniako nai. Linakhitte Lhiehẽ ideenhikhette liñhaata koaka lhiena hentte koadaka lhiena tsiipa ittipi liipitana. Linakhitte tsa wakapa kanakaidali ka lhie ooloda, phiome ikoawale. Kamena kanhekhe liko tsa medzeniako nai ikadaa khedzaako tsa lhie neema kaa, nanawikika, liyo karo neema matsia liko tsa. Linakhitte Lhiehẽ pineeta kali medzeniako nai tarawata lhie nanheekhe, nanawikika, neema kaa hentte liyo tsakha Lhiehẽ pineeta kali medzeniako nai iñhaata nanaani, nhedzaako, nakoada kadzoana makapawaniitta dzo hentte awakada makapawaniitta dzo.*

O grafismo *Medzeniako* é objeto de pesquisa desafiante, trata-se de luta e resistência, pois os desenhos surgiram a partir de um significado. Uma das finalidades de se escrever um trabalho voltado a isso sempre vai ser contribuir com a resistência, valorização e existência do conhecimento *Medzeniako*. Grafismos da cestaria *Urutú* vêm sendo tarefa necessária e relevante para este povo. Além disso, para nós do povo *Medzeniako*, é um dever buscar de alguma forma materializar estes conhecimentos para que sejam acessados pelas escolas indígenas e outras instituições. O grafismo *Tsiipa iittipi*, é apenas um dos muitos grafismos encontrados e localizados nas cestarias de *arumã* “*Urutú/ooloda*”, feito pelo povo *Medzeniako*. Sua relevância se justifica exatamente pela observação de ser um conhecimento muito pouco acessado pelos jovens. É necessário que se faça trabalho sobre os grafismos e



sequencialmente se ofereça um pouco deste conhecimento através de leitura aos jovens *Medzeniako*.

Atualmente, existe preocupação dos mais velhos para com os jovens *Medzeniako*, porque esse conhecimento acaba ficando em segundo plano por influência do pensamento ocidental, ou melhor, do conhecimento não *Medzeniako*. E hoje faz-se necessário relembra-los como acontecia algumas décadas atrás, sentar-se com os *kanhekhe peri* (anciões) para dialogar e praticar. Uma vez que grafismos são desenhados na cestaria de *arumã* “*urutú/ooloda*”, só poderá ser apreciada se um conhecedor e produtor da mesma cestaria confeccionar e mostrar o processo aos interessados. Entre o povo *Medzeniako* isso é problema grave. Portanto, esta pesquisa se justifica por esse motivo e para buscar informações, por mais que sejam pequenos detalhes, que estarão contribuindo com a mutação do conhecimento *Medzeniako*.

A preservação das práticas culturais fortalece as nossas identidades, reconhecimento da diversidade étnica e cultural. Os povos indígenas têm resistido historicamente, preservando suas culturas. Assim, considera-se este trabalho sobre grafismo da cestaria *Urutú* como mais uma estratégia de luta para o fortalecimento das nossas identidades como indígenas, bem como uma das estratégias de sobrevivência no mundo moderno.

Apesar do objeto de pesquisa se tratar de cestaria, artesanato, grafismo ou conhecimento indígena, há carência de trabalhos voltados aos grafismos *Medzeniako*, que trataria especificamente dos tipos de grafismo existentes, seus significados e importância para o povo *Medzeniako*. Assim, neste trabalho, a estratégia foi realizar a pesquisa de forma qualitativa e dialógica, sendo o foco principalmente em diálogos com os conhecedores do grafismo *tsiipa iittipi* do povo *Medzeniako*, por se tratar de grafismo especificamente deste povo, conforme as consultas. O desafio do trabalho projeta atenção em trazer aqui o significado e relevância do grafismo *tsiipa iittipi*. Como não há trabalhos específicos que tratam dele e que poderiam ajudar nas reflexões especificamente referentes ao grafismo, as experiências próprias, assim como a dos conhecedores produtores de artesanato do povo *Medzeniako*, são fundamentais ao longo da pesquisa. Portanto, os diálogos e as entrevistas aos conhecedores da arte dos grafismos vistas no *urutú* são fundamentais nesta pesquisa.

Segundo Silvério Garrido: *nhaana lidana ka nha pakapali ayaana ooloda nako, jaho nako, ttirolipi, dopitxi nako, ttiiroli, walaya nako hentte paana phá, nhaana hã nalhieni nanakoa panaa* (todos os grafismos, vistos em qualquer modelo ou tipo de artesanato, têm o seu significado).



***Lidana (em Língua Medzeniako): Grafismo (em Língua Portuguesa).***

O grafismo *Medzeniako* faz parte de vários conhecimentos do povo. Para o povo *Medzeniako*, cada grafismo tem seu significado. Ou seja, cada grafismo tem sua história, sua origem, sua finalidade. Não se pode “escrever” nenhum tipo de grafismo no corpo sem conhecer sua origem, sua história, sua finalidade. Os conhecedores *Medzeniako* alertam que é necessário conhecer origem, história, compreender finalidade dos desenhos (grafismo) antes de tudo, caso contrário, o mau uso ou incorreto uso de grafismo pode causar diversos efeitos à saúde e à vida.

No entanto, os símbolos sagrados não dramatizam apenas os valores positivos, mas também os negativos. Eles apontam não apenas a existência do bem, mas também do mal, e o conflito que existe entre eles. O assim chamado problema do mal é o caso de formular, em termos de visão do mundo, a verdadeira natureza das forças destrutivas que existem dentro de cada um e fora dele, uma forma de interpretar o assassinato, o fracasso das colheitas, a doença, os terremotos, a pobreza e a opressão de maneira tal que torne possível um tipo de convivência com tudo isso. Geertz, Clifford, 2008. p 323.

No passado, o povo *Medzeniako* usava os grafismos na pele e no “corpo” para simbolizar, por exemplo: o domínio na pescaria, trabalho nas plantações de roça, a guerra e para participar de certos rituais, as “festas”.

O rito de iniciação dos meninos e meninas para a fase adulta (chamado de Kariamã) está diretamente associado aos grafismos; aqueles que estavam em reclusão confeccionavam diversos tipos de waláya (peneira ou balaio) e depois, durante a festa ritual, distribuíam entre os colegas que também estavam reclusos. Esse rito afirma que os jovens estão preparados para a vida adulta por conhecerem as práticas tradicionais, os conhecimentos ancestrais, o trabalho de subsistência, os sentimentos e as necessárias superações para o viver. Nos dias de hoje, esse ritual não é mais realizado, porém, deram o nome de Kariamã para a escola, o que demonstra como, simbolicamente, a escola é tida como o lugar de transformação, onde estudamos e nos preparamos para a vida, conforme os significados contemporâneos. Contudo, como os mais velhos ressaltam, não é o mesmo conhecimento de antigamente, nem são as mesmas as dinâmicas de aprendizagem. VEIGA. 2015, p, 187.

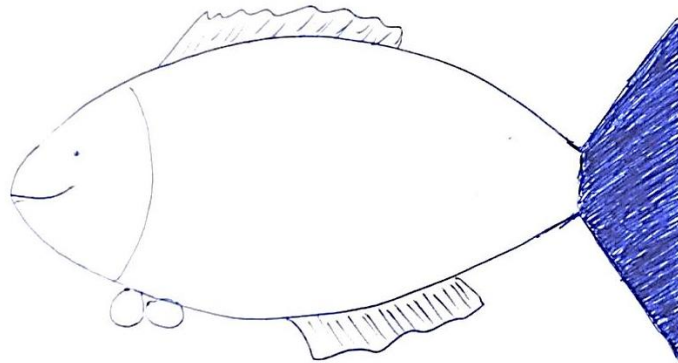
***Tsiipa Iittipi: Rabo De Pacu.***

*Tsiipa iittipi*, que significa “rabo de pacu”, é o nome dado a um dos grafismos *Medzeniako*. Este grafismo é notável em cestaria de *arumã*, principalmente em *ooloda* (em língua *Medzeniako*) e cestaria *urutú* (em língua portuguesa). *Tsiipa iittipi* tem o formato de

rabo do peixe pacu, pode-se dizer que a sua origem vem de inspiração no próprio peixe pacu, com a finalidade de demonstrar que o *urutú* onde há grafismo *Tsiipa iittipi* (rabo de pacu) é uma cestaria específica para armazenar ou guardar peixe, principalmente o peixe moqueado (peixe defumado com a fumaça de fogueira). Eles são produzidos em diversos tamanhos, os quais podem também ser utilizados e reutilizados em diversas ocasiões ou necessidades do povo *Medzeniako*.

Os desenhos representam as ideias, cenas, lugares e concepções, e podem estar relacionados aos modos de expressão baniwa por meio dos grafismos, que criam imagens a serem interpretadas semanticamente, vinculadas às palavras e ao contexto ao qual são inseridas (Veiga, 2015, p188.).

**Figura 26.** Rabo do peixe pacu.



Desenho: Arquivo pessoal.

**Figura 27.** *Ooloda hentte lidana tsiipa iittipi* – Cestaria *urutú* com o grafismo “rabo de pacu”.



Foto: Alfredo Neto/Medzeniako.

Os grafismos em artefatos são conhecidos hoje como “arte Baniwa”<sup>65</sup> e são muito importantes na dinâmica cultural desse povo, feitos cotidianamente com um tipo de palha, o arumã verdadeiro (em baniwa, poápoa kántsá). Além de seus vários usos e funções, é uma importante fonte de renda para a comunidade. Cada trançado tem um ou múltiplos sentidos, existem diferentes concepções e níveis de interpretação, alguns tem um sentido icônico (de semelhança entre a forma visual e o significado) outros expressam sistemas figurativos complexos por meio de metáforas visuais. , (VEIGA, 2015, pág. 185.)

E, se tratando de especificamente do significado do *lidana tsiipa iittipi* (grafismo rabo de pacu), assim como outros grafismos, tudo indica que há carência de pesquisas e registros que trata especificamente dos tipos de grafismos *Medzeniako* e seus significados. Vale ressaltar que os grafismos são diversos. São conhecimentos que precisam ser analisados e registrados para que o povo de onde se origina tenha em documentos estes conhecimentos que pertencem a eles.

Desde a criação do mundo, Nhampirikuli já fazia os grafismos com seus significados. O primeiro, fixado em pedra em Wapui-cachoeira, foi o lugar onde surgiu o povo Baniwa; como tratamos acima, são objetos que estão em ressonância com a própria força vital e transformadora dessa gente. Existem tipos de desenhos para cada artefato, por exemplo, o pirami resá (olho de peixinho) para o paineiro, o wasi rawa (folha de açaí) para o abano etc. Alguns são feitos apenas por mulheres, outros apenas por homens, e isso está diretamente associado à dinâmica social, à divisão de trabalho, à memória, construção e transmissão de conhecimento desse grupo. (Veiga, 2015, p. 187)

Fazer uma pesquisa especificamente para tratar do *lidana tsiipa iittipi* (grafismo rabo de pacu) é um exemplo de que existe especificidade, origem, potencialidade e a relevância dessa arte. É necessário que se faça pesquisa exatamente para registrar os conhecimentos e serem posteriormente mantidos vivos através de narrativas, leituras, imagens, “registros”, etc. Mas também, não é simplesmente falar que existe grafismo, que o povo tem seu grafismo, que existe em certo artesanato, cestaria, cerâmica, entre outros, sem mostrar os seus significados e relevância e seus significados para o povo.

Os significados só podem ser "armazenados" através de símbolos: uma cruz, um crescente ou uma serpente de plumas. Tais símbolos religiosos, dramatizados em rituais e relatados em mitos, parecem resumir, de alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com eles, tudo que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta, e a maneira como deve comportar-se quem está nele. Dessa forma, os símbolos sagrados relacionam uma ontologia e uma cosmologia com uma estética e uma moralidade: seu poder peculiar provém de sua suposta capacidade de identificar o fato com o valor no seu nível mais fundamental, de dar um sentido normativo abrangente àquilo que, de outra forma, seria apenas real. (Geertz, Clifford, 2008. p. 93)

O desafio é imenso quando se trata de conhecimentos de um povo indígena em contextos de uma pesquisa, ainda mais pensando em aprendizagens por meio de transmissão dos saberes tradicionais e originários do povo *Medzeniako*. Nessa perspectiva se inserem os modos próprios de aprendizagens. Como indígena *Medzeniako* e pesquisador, eu diria que a compreensão e a prática de Educação Indígena, dentro e fora do ambiente escolar, avançarão se cada um dos acadêmicos tomarem a decisão de materializar didaticamente o conhecimento cultural, a fim de que seja transmitido nas escolas.

A educação indígena ocorre naturalmente em diferentes espaços da aldeia, ou seja, a vida cotidiana que ali se movimenta fortalece a cultura do povo. Portanto, relatar este conhecimento que está sendo deixado de ser exercido e transmitido com frequência para os jovens *Medzeniako*, nos dá ou aponta um caminho apesar dos desafios, e que se faz necessário encará-los para que os anseios de tornem realidade.

Pesquisar sobre o grafismo *tsiipa iittipi* da cestaria *urutú*, é mais uma estratégia de luta para o fortalecimento das nossas identidades como povo *Medzeniako*, como também é uma das estratégias de sobrevivência no mundo moderno. Buscando sempre estar em bem viver e viver bem.

## 2.6.2 Outros grafismos *Medzeniako*

### *Hathametsa linako*

*Lhiehẽ ideenhi khetti papera liko liñhata watsa yanheekhetti nako medzeniako nai idzaada. Koameka oopittoa linako lhiehẽ ooloda poapoa iyodali. Liyoehẽ ideenhi khetti khedzaako liemaka lhie medzeniako yanheekhe oopi dali tsa yaanheekhetti. Pandza mhedzaako pakapa liakawa lhiehẽ yanheekhetti karo kapoa pedaliape yanheekape idzeneeta nalhioni nha yenipettipe pha toa, koameka padeenhika ooloda poapoa iyodali. Ima lhiehẽ yaanheekhetti liemaka piñeeta khetti riko, oopi rikhitte tsa, ima lhiaka iñhaata koaka nha medzeniako nai hentte naanheekhe. Linakhitte lhiehẽ ideenhi khetti ayaahã papera liko, yaakotti inokada pedaliape yaanheekape yootshette kanhekhe liko tsa, likoa pakapaka tsootsa linako lhiehẽ medzeniako nai yaanheekhe. Likadaa khedzaako katsa liemaka lhiehẽ yanheekhetti. Ima liyo tsa lhiehẽ yanheekhetti medzeniako nai iñhaata nhedzaako neema kaa hentte neema kawa liko. Ooloda katsa medzeniako nai inaani ka, neeni lirhiotsa neeni dali hentte kaawhidali katsani.*

Os grafismos/desenhos que existem nas cestarias de *arumã* têm seus significados, têm sua própria história. Segundo Silvério Garrido: “*nhaana nadana ka nha pakapali nanako nhana ooloda, jaho, ttirolipi, dopitxi, kadoitsipa, ttiroli, walaya hentte paana phá, nhaana nalhieni nanakoa panaa*” (“os grafismos vistos em qualquer modelo ou tipo de artesanato, principalmente nas cestarias de arumã, têm os seus próprios significados”).

O grafismo *Medzeniako* é um dos vários conhecimentos do povo. Não se pode usar nenhum tipo de grafismo sem conhecer sua origem, sua história, sua finalidade. Os trançados do *Urutú* formam desenhos, e é necessário que haja uso de fibras, também conhecidas como talas coloridas. Para os *Medzeniako*, os desenhos fazem parte da educação. Vale ressaltar que os grafismos só aparecem através da técnica do trançado. E é possível criar diversos formatos geométricos, todos com um significado simbólico e específico.

Atualmente existem aproximadamente 27 variedades de desenhos conhecidos. Segundo o relato dos conhecedores e produtores das cestarias de *arumã*, os grafismos foram inscritos pelos ancestrais *Medzeniako* nas pedras, em forma de petroglifos, para que nunca fossem esquecidos.

Atualmente várias escolas começam reviver esta prática. Os estudantes utilizam pintura corporal para fazer suas apresentações. Ou seja, uma das formas que própria escola *Medzeniako* encontrou é realizar atividades educativas e traves disso os estudantes participam, interagem e discutem entre professores e estudantes a relevâncias dos desenhos entre outros dentro e fora da sala de aula.

Dessa maneira, aquilo que é acessado por uma referência cultural que está fora do texto e é compartilhada pelos interlocutores da mesma etnia, ou aquilo que é demonstrado pelo gesto, pela indicação de um lugar ou de um animal presente no momento da narrativa ou reconhecida por aquele grupo em que a narrativa é tradição, quando passam pelo processo de escrita, são recriados a partir dos desenhos, que desempenham essa função referencial. Os desenhos representam as ideias, cenas, lugares e concepções, e podem estar relacionados aos modos de expressão baniwa por meio dos grafismos, que criam imagens a serem interpretadas semanticamente, vinculadas às palavras e ao contexto ao qual são inseridas. Nessa perspectiva, enquanto no oral a linguagem é construída por recursos linguísticos e paralinguísticos, combinados às estruturas poéticas que atuam na construção e coerência textual, relacionando a produção cognitiva com a interação do oral, na escrita essa construção se desenvolve também por meio dos desenhos, que são recursos que permitem uma 229 intertextualidade pelas formas desenhadas, que esclarecem e reafirmam uma ação ou ideia presente na narrativa. (Veiga, 2015, p. 228)

Quando analisamos os desenhos feitos para as narrativas, percebemos que elas poderiam ser contatadas apenas por meio deles, mostrando o quanto as imagens também narram a estória, por meio de um discurso imagético. Os desenhos ficaram muito bonitos e expressivos; não parece que desenhar é uma questão de vocação naquela comunidade, mas sim algo que todos aprendem e sabem usar, como se fosse



uma alfabetização por meio dessa linguagem comunicativa visual, tal como é a alfabetização pelos trançados. Nessa perspectiva, assim como a escrita alfabética não é apenas a representação objetiva e precisa de um fonema por um grafema, mas sim formas flexíveis de representação que se relacionam com o contexto e com as ênfases dadas pelos narradores e autores. Os desenhos tampouco são representações precisas dos trechos narrativos, mas transmitem ideias sobre os sentidos da narrativa, contribuindo para a sua interpretação. . (Veiga, 2015, p. 229)

**Figuras 28, 29, 30, 31, 32 e 33 (conjuntos horizontais de três).** Alguns dos grafismos *Medzeniako* desenhados nas cestarias.



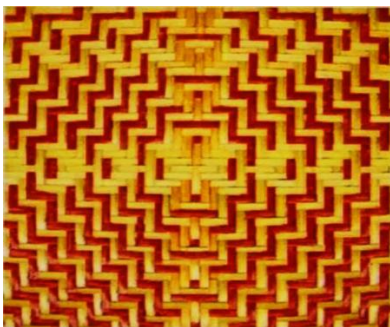
*Kettamarhi*  
*Costa de besouro*



*Makowe ithi*  
*Olho de uma das aves noturnas.*



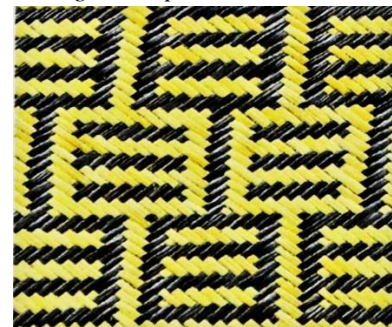
*Íwido hûpa*  
*Pegada de passarinho Massarico*



*Aalidali yeekoa*  
*Testa de tatu*



*Kettamarhi*  
*Costa de besouro*



*Aakoro*  
*Tapurú*



*Rowidzo karomi*  
*Onde a mulher peneirou*



*Diakhe*  
*Movimento infinito*



*Dzaawi iphoakaromi*  
*Pegada de onça*





*Diakhe*  
*Movimento infinito*



*Kettamarhi*  
*Costa de besouro*



*Kettamarhi*  
*Costa de besouro*



*Omai ttida*  
*Asa de peixe piranha*



*Kettamarhi*  
*Costa de besouro*



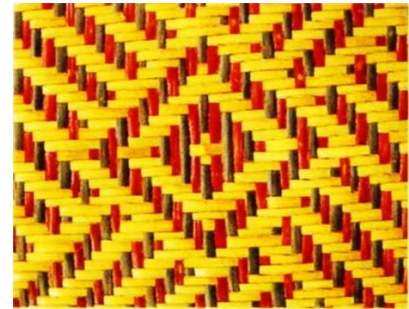
*Kaiwi yaapowa*  
*Caminho da saúva*



*Dawaki hivida yaapi*  
*Oso da cabeça de jandiá*



*Tsiipa íttipi*  
*Rabo de pacu*



*Rowidzo karomi*  
*onde a mulher peneirou*

Os grafismos chamam atenção de várias pessoas, outros tatuam esses desenhos em algumas partes do seu corpo. Isso simboliza a relevância do desenho. Mas é necessário que as pessoas realmente tenham o conhecimento do significado do desenho antes de escrevê-lo no corpo. Os nossos avós contam que é necessário conhecer a história cultural do desenho antes de mexer com isso, ou antes, de falar dele, desenhar ele através tecelagem na cestarias ou caso fazer ele em forma de tatuagem no corpo, para que isso não venha ser prejudicial para a vida ou saúde.

O homem ocidental tende a julgar as artes dos povos indígenas como se pertencessem à ordem estática de um Éden perdido. Dessa forma, deixa de captar, usufruir e incluir no contexto das artes contemporâneas, em pé de igualdade,

manifestações estéticas de grande beleza e profundo significado humano. (Lux Vidal, 200. Pag. 13)

Atualmente, porém, percebe-se um crescente interesse nas artes indígenas, mesmo como fonte de inspiração, assim como o reconhecimento da continuidade da produção artística dos povos que habitavam esta parte do continente americano e que hoje, decididos a continuar como índios, ainda criam e sempre recriam importantes obras de arte dotadas de notável especificidade histórica e cultural. (Lux Vidal, 200. Pag. 13)

A pintura e as manifestações gráficas dos grupos indígenas do Brasil foram objeto de atenção de cronistas e viajantes desde o primeiro século da descoberta, e de inúmeros estudiosos que nunca deixaram de registrá-las e de se surpreender com essas manifestações insistentemente presentes ora na arte rupestre, ora no corpo do índio, ora em objetos utilitários e rituais, nas casas, na areia e, mais tarde, no papel. (Lux Vidal, 200. Pag. 13)

No entanto, mesmo neste século, apesar da riqueza do material disponível, o estudo da arte e da ornamentação do corpo foi relegado a segundo plano, durante muitos anos, no que diz respeito às sociedades indígenas do Brasil. As razões para essa recusa se explicam pelo fato de a arte ter sido considerada como esfera residual ou independente do contexto no qual aparece. Com isso, ignorou-se o tipo de evidência que o estudo da arte aporta à análise das ideias subjacentes a campos e domínios sociais, religiosos e cognitivos de um modo geral. (Lux Vidal, 200. Pag. 13)

Apenas recentemente a pintura, a arte gráfica e os ornamentos do corpo passaram a ser considerados como material visual que exprime a concepção tribal de pessoa humana, a categorização social e material e outras mensagens referentes à ordem cósmica. Em resumo, manifestações simbólicas e estéticas centrais para a compreensão da vida em sociedade. (Lux Vidal, 200. Pag. 13)

### 3. TECENDO OS FIOS DE SUA HISTÓRIA.

#### 3.1 O que significa patrimônio para o povo *Medzeniako*.

O produtor de cestaria Silvério Cardoso Garrido relata que há algumas décadas, uma pessoa que produz cestaria, ou seja, produz especificamente o *Urutú*, era chamada de “*Kanaaniite e kaanhekheete*”, “*Kanaanidaro e Kaanheekhedaro*” na língua *Medzeniako*; que significa: “pessoa que tem riqueza ou patrimônio e pessoa inteligente” (homem ou mulher). Assim como foi mencionado anteriormente, a pessoa que produz cestaria é considerada uma pessoa importante na Aldeia.

*Oopittoa lhie naanheka nha yaanhe kape idzeekata koakada katsa poapoa iyo oo apadawa adapi dzoperi iyo, “Kanaaniite karokadaa kaanhekheete”. Pandza karoetseka phemaka kadzo. Pandza, nhaa nawiki napedzo lhie koakadaka nawentanda liipananá liko. Neeni karoetsa naama nadzeekataka hentte karoetsakha naanhe nadzeekatka. Lima lhie kadzodali. Aaphe Garrido.*

Nas décadas passadas, nos ouvíamos pessoas falando ou chamando os produtores de cestaria de “*Kanaaniite e kaanhekheete*” frequentemente. Hoje, é muito difícil de se ouvir.

Agora, em nossa Aldeia, as pessoas acham mais bonito alguma coisa que eles compram na loja da cidade. Não querem mais usar e nem fazer *Urutú*. Por isso, muitos não sabem mais produzi-lo (fala de Alfredo Garrido).

É relevante refletir, notável verificar e reforçar que, para o Povo *Medzeniako*, patrimônio cultural é formado pelo conjunto dos saberes, “conhecimentos e práticas”, que remetem à história, à memória e à identidade do povo.

Para os *Medzeniako*, a “Cestaria” pertence também ao patrimônio coletivo, ao “Patrimônio cultural do povo”. É através da cestaria que as famílias *Medzeniako* mantêm o bom convívio, sendo meio de subsistência na Aldeia. Ou seja, o *Urutú* faz parte da autossustentabilidade e subsistência, do “bem viver e viver bem” de cada família *Medzeniako*.

*Lhie ooloda kanakaidali, oopittoa, waa kadanako waitsaleta awakadaliko, wanaanide kheedzadali ooloda kiniki inomapiriko tsa. Lirikoda wadee nha kophe whepa nipe. Apawalipe wama koono iyo kaanheeka litsa, whepa karo Kopke tsootsa. Wakoami whepaka kophe pamodzoape ooloda. Wakotsho matsia nhaa kophe wadzana karo attimapa. Kadzo lhiena nokiñoa noanhe nodzeekata ooloda hentte apaana phaa pañamipe koakakhá iyoka. Paapaimikoiri ünai ttoa. Aaphe Garrido.*

O *Urutú* é um material muito significativo para nós. Algumas décadas passadas, quando íamos pescar nas proximidades das nossas roças, nos produzíamos *Urutú* pequenos ou médios para carregar os peixes que conseguíamos. Nos tinguijávamos um igarapé de forma sustentável para pegar peixe. Utilizar timbó calculadamente para certa porçã ou distância do igarapé, e era uma forma de capturar peixes sustentavelmente (o timbó era lançado no igarapé para envenenar os peixes). E era necessário produzir *Urutú* ou outros tipos de cestaria para podermos conduzir os peixes. Cada um conseguia pegar peixe, e nos cozinhávamos; normalmente, era feito *quianpira*, (peixe cozido com *tucupí* e pimenta) (fala de Alfredo Garrido).

O *Urutú* para os *Medzeniako* é considerado relevante na vida individual e familiar. É material reconhecido e destacado por seus significados identitários ao povo. E o Povo *Medzeniako* manifesta sua preocupação quando se fala da preservação, fortalecimento cultural e estratégias para manter sua memória fortalecida e valorizada.

O conhecimento cultural da “produção de *Urutú*” ou “Cestaria *Medzeniako*”, é fruto do entrelaçamento entre história e memória. O patrimônio, enquanto representante da história e da memória de uma sociedade, reflete sua identidade. O sujeito histórico, a partir de



sua memória e história, enxerga no patrimônio sua identidade. E são séries de fatores que provocam Povo *Medzeniako*. Os mais experientes vêm necessidade de discussão desta temática dentro das escolas indígenas *Medzeniako*. Os “*Kaanheekhe Peri*” vêm a inclusão dos conhecimentos tradicionais e culturais do Povo nas discussões dentro das escolas como prioridade.

*Oopittoa, lhiena kaanheekhe karo nha aatsianai hentte iina nai, nalhiotsa nadzeena kawa ayaana nakapeeta kawa” liko. Wadepe 40 hekoapi ka nadzeena kawa lirikoda. Lhiadanako kametsa naiñhalika nhaa kophe tsoitepe tsa, karoperi tsa whoiwi ka, naira tikitsa patshiaka, hentte koaka lhie naiñhali hanipa nhaa aatti. Kaneena lidoromeka lhie “nakapeeta kawa” pedaliape ikadzeekata nalhio phiome koaka lhie kanakairi nalhio nattaita karo kaanheekheka nhaa. Nattaita karo nhaanheka koameka neemaka hekoapi riko. Koamekaro nadzeekata iita, tsheeto lima, ooloda lima, padeenhi xoopape matsoka hentte peethe, koamekaro nadzanaka matsia naiñhawa, koamekaro naitsaletaka, nawinitaka, koamekaro nanhiakakawa kaanheekatsa, apaana phaa. Phiome lhiena nattaita karo kanaani peri ka nhaa.* Tshilimi Cardoso Garrido.

Antigamente, para o homem e a mulher se tornar inteligente, era feita uma formação dentro Aldeia. Formação em jejum “*nakapeeta kawa*”, que acontecia aproximadamente por 40 dias. Nesse período, os que passavam por aquele processo de formação, só poderiam se alimentar com pouca comida; peixe pequeno que não fosse remoso, um pouco de “*caribê*” (bebida feita de *beijú* de mandioca com água), e o que eles comiam em quantidade maior era a pimenta. O processo de “*nakapeeta kawa*” é o momento que jovens *Medzeniakonai* homens e mulheres passam pela formação. Onde recebem informação, conselhos e aprendem fazer algo que seja essencial para sua vida individual e familiar. O momento que recepcionam conhecimentos; como produzir artesanatos, “cestarias” e meio de transportes, a forma de preparar uma boa comida, cuidar da roça, pescar, caçar, ter respeito, termos de parentesco, cuidados, entre outros. É assim que um e uma *Medzeniako* se torna uma pessoa que tem mais patrimônio, quando, no caso, passou de forma satisfatória no “*nakapeeta kawa*”. E os patrimônios seriam: canoas de vários tamanhos, remos, roças de plantações, casas, cestarias, alimentação (caça e pesca), entre outros (fala de Silvério Cardoso Garrido).

É comum vermos as histórias ancestrais indígenas serem dissociadas da sua gênese e associadas a outros termos por diversos fatores que contribuem para a desvalorização delas, provocados por vezes pelo desconhecimento e, muitas vezes, pelo preconceito. Nesse aspecto, o trabalho traz as diferenças conceituais entre mitos, lendas e as histórias ancestrais indígenas.



Para Nicola Abbagnano (2003), três significados distintos podem ser atribuídos a mito: i) mito como uma forma atenuada de intelectualidade; ii) mito como forma autônoma do pensamento ou de vida e iii) mito como instrumento de estudo social. A primeira concepção vê o mito sem valor de verdade e como forma inferior do intelecto, enquanto a segunda visão vê o mito como uma verdade diferente da verdade intelectual: “o substrato real do mito não é de pensamento, mas de sentimento” (Abbagnano, 2003, p. 674). A terceira visão sobre mito, por sua vez, já o vê ligado aos fatos históricos, logo afirma que cada mudança histórica fará surgirem novos mitos.

Por isso, ele passa a ser instrumento para estudo social. Lévi Strauss, ampliando essas visões, passa a entender o mito como “uma narrativa histórica, mas uma generalização de fatos que recorrem com uniformidade na vida dos homens: nascimento e morte lutam contra a fome e as forças da natureza, derrota e vitória, relacionamento entre sexos” (Strauss apud Abbagnano, 2003, p. 675).

Como povo *Medzeniako*, percebemos esse dever, como professores *Medzeniako*, pesquisadores *Medzeniako*, os relatos das nossas histórias é relevante, para que o conhecimento cultural *Medzeniako* seja trabalhado dentro das escolas *Medzeniako*, o sentido e o significado, por exemplo, de patrimônio para nós, deve ser constantemente discutido até que as nossas escolas considerem isso como uma ferramenta de aprendizagem e fortalecimento cultura do povo. Nós temos patrimônio. Assim como foi mencionado no início do trabalho, os artesanatos, pinturas, cestarias de diferentes tipos eram chamados pelos não *Medzeniako* “brancos” de conhecimento ou prática irrelevante entre outras definições.

Os missionários chegaram a afirmar que pintar o corpo com grafismo é pecado “é praticar ato errado, que não agrada o criador do céu e da terra, DEUS”. Qualquer objeto ou material que produzíamos era vista como uma prática ruim, sendo que a cultura nos permitia e permite construir, produzir e preparar um material, objeto para ser meio de sobrevivência e subsistência. E são materiais produzidos de forma sustentável.

Temos materiais específicos para pescaria, específicos para caça, específicos para plantação, específicos para produção de alimentos, entre outros. Neste caso, o *Urutú* foi pensado e produzido para diferentes e variadas utilidades. Então, quando se trata de patrimônio *Medzeniako*, um dos caminhos que seguimos para dialogar é a compreensão de sua relevância. E a conclusão sempre vai ser que a cestaria *Urutú* faz parte do patrimônio *Medzeniako*.

### 3.2 Como a História do povo está se esvaindo.

A floresta amazônica atualmente está deixando de ser espaço relevante para Povos indígenas, em alguns lugares e momento. Diversas aldeias, em vários territórios, estão deixando de existir. A escassez de alimentos, o desmatamento e o avanço das cidades sobre as matas são alguns fatores que motivam povos tradicionais a migrar para áreas urbanas. Em muitos lugares as famílias simplesmente migram para cidade imaginando que a vida na cidade seja melhor que na Aldeia.

Esse movimento torna-se problemático para o povo. Por exemplo, para os *Medzeniako*, torna-se problema maior ainda quando uma família migra para a cidade e, após algum tempo, não consegue se sustentar, fazendo com que os mais jovens da família comecem a se envolver com o alcoolismo e as drogas. Em muitos casos, a prática cultural é deixada ser vivida na cidade. Por exemplo, a prática de produção de *Urutú* não acontece mais.

Então, quando falamos que a História do povo vai se esvaindo, em muitos casos a falta de prática de produção de cestaria faz parte disso. Ou seja, a história do nosso povo deixa de ser vivida, construída ou praticada na cidade. Porque na cidade há outra realidade. Não temos espaço e o território é dividido. No caso da produção de cestaria de *arumã*, esta não é feita porque não se pode pegar as fibras que estejam dentro de um terreno particular. Aí não é dada a continuidade da história, da produção de *Urutú*.

É notável que migrar da Aldeia para cidade sem planejamento ou conhecimento é um risco. Não que a cidade seja um problema, mas o espaço é muito diferente da Aldeia. Nesse caso, é necessário que haja um preparo. “planejamento”.

Migrar para cidade pode ser também uma oportunidade para as famílias. Por exemplo: os pais de família decidem migrar para a cidade para que os seus filhos estejam mais próximos da oportunidade de frequentar um grau maior no ensino escolar, universidade, um outro curso. Pois é ali, na escola, por exemplo, na universidade, que os jovens estarão registrando os conhecimentos/histórias do povo, e assim seguir mantendo a valorização e fortalecimento cultural.

### 3.3 Os movimentos indígenas ligados ao povo.

Em minha opinião, as organizações criadas pelos *Medzeniako* são meio de resistência, ferramentas de defesa, formas de organização, assim como são maneira ou caminhos corretos,

legal, segundo constituição Federal do País, lutar, reivindicar por aquilo que o coletivo almeja.

Apesar das comunidades serem decisivas na vida das famílias do povo *Medzeniako*, mas ainda é necessário que haja, ou seja, uma associação para ser representante mais “decisivo” na vida da comunidade nas questões dos direitos coletivos, por exemplo.

Muitas vezes, nem todo o que a comunidade local decide procede ou prevalece, na avaliação da associação onde a comunidade esteja inserida. As comunidades por tanto, tem seus planejamentos internos, e são cumpridas ou executadas pela comunidade de forma satisfatória, pois faz parte da organização local. Já na questão reivindicações maiores, ou seja, algumas questões de território, projetos que envolvem o território do povo, nesse caso deve haver consenso das comunidades. Aí está a importância da associação. Pois trata se de decisões que visa um bem viver do povo dentro do território.

No Rio Negro, a luta pela reconquista da Terra Indígena durou muitos anos, desde a chegada dos colonizadores no território. A homologação das Terras Indígenas no Rio Negro foi a principal vitória do movimento indígena, pois a luta jurídica teve início em 1970 e só foi concluída em 1998. O processo de regularização das Terras Indígenas marcou, positivamente, a participação indígena, no cenário nacional, e foi agregado pelo movimento indígena com uma conquista política atendida pela ação do Estado nacional brasileiro, sobretudo por ter sido realizada como área contínua como pretendida pela maioria dos povos da região. Todo o trabalho de demarcação, iniciado em 1987, coordenado pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), em parceria com Instituto Socioambiental (ISA), envolveu a maior parte das comunidades indígenas residentes nas calhas de rios, por meio de suas lideranças. (Casimiro, 2022, pág. 85)

As comunidades foram consultadas, informadas e puderam tomar conhecimento sobre os novos limites das Terras Indígenas por meio de mapas e demais materiais informativos. A partir da década de 1990, logo depois da demarcação das Terras Indígenas, os povos do Rio Negro começaram a se organizar, criando suas organizações como uma forma de luta, resistência e reivindicação de garantia e a implementação dos seus direitos, participando da política indigenista do Estado. Em várias ocasiões participaram de alguns projetos com ênfase na área de saúde, educação, atividades produtivas, valorização cultural, gerenciados pela FOIRN, em parceria com ISA, muitas delas voltadas com objetivos de valorização cultural e fortalecimento da defesa do território. (Casimiro, 2022, pág. 85)

Neste processo histórico que promoveu uma nova configuração política com a consolidação da FOIRN, inicialmente no Alto Rio Negro, as comunidades foram mobilizadas para criação de associações diretamente relacionadas às "bases comunitárias". Uma nova forma de fazer política é estruturada, mudando do âmbito de atuação política intracomunitário para o âmbito associativismo, a partir da mobilização e articulação das lideranças junto à FOIRN. A união dos povos na luta pela demarcação da Terra Indígena foi fator decisivo dessa mudança. Trato neste capítulo desta nova configuração. (Casimiro, 2022, pág. 85)

### 3.3.1 Principais associações/organizações *Medzeniako* criadas.

Por meio de reflexão e decisão dos jovens *Medzeniako*, em diálogo com as mais experientes lideranças do povo, foi então que surgiu a ideia de construção e fundação da Associação das Comunidades Indígenas do Rio Içana – ACIRI a qual foi à primeira associação do povo *Medzeniako* no rio Içana, criada com apoio da Federação das Organizações Indígena do Rio Negro - FOIRN, que tem sido fundamental no incentivo para a criação de diversas associações no Alto Rio Negro. ACIRI foi criada em 1988 pelas lideranças *Medzeniako* para ser meio de luta e combate a invasão das empresas mineradoras e os garimpeiros do Rio Içana, assim como a criação da Associação foi fundamental para que houvesse a retiradas dos garimpeiros do território *Medzeniako*.

Para melhor compreensão do contexto político de articulação dos *Medzeniako* na criação de associações, tenho que dizer aqui sobre um conflito que foi estabelecido entre os *Baniwa* e *Koripako* devido à disputa de poder no campo interétnico entre missionários evangélicos e católicos, que provocou divisões políticas, envolvendo instituições cristãs de duas confissões religiosas distintas (a Evangélica e a Católica). (Casimiro, 2022, pág. 86)

Os *Baniwa* e *Koripako* de confissão religiosa evangélica, influenciados pelo posicionamento da missionária Sophie em disputa com os missionários católicos, não se viam representados pela ACIRI por ser identificada como agentes do catolicismo, assim como também consideravam a FOIRN. A ACIRI foi criada com sede na comunidade de Assunção do Içana, onde estava instalada a missão salesiana, além de ter como seu primeiro presidente morador desta comunidade. (Casimiro, 2022, pág. 86)

Outro contexto de tensão política foi gerado por funcionários da empresa mineradora Goldamazon, instalada no Rio Içana, que criavam falsas versões sobre a demarcação, afirmando que se ela fosse efetivada de forma contínua, os *Medzeniako* ficariam proibidos de usar quaisquer bens industrializados, inclusive roupas e, sendo obrigados a andar nus, porque os comerciantes seriam impedidos de entrar na terra demarcada. Com essas falas, os funcionários da empresa tentavam convencer os *Medzeniako* que a demarcação resultaria no retorno à “vida selvagem”, como viveram os seus antepassados. (Casimiro, 2022, pág. 86)

Apesar dos esforços dos missionários e das lideranças da ACIRI em estabelecer alianças com as aldeias *Medzeniako* católicas e evangélicas, só conseguiram esse objetivo através da nova associação. Depois da criação da OIBI, as estratégias de organização política coletiva passaram a ser centradas para fortalecimento das organizações na região. É possível notar que as experiências do garimpo exploratório e dos missionários, em disputa, deixaram as lideranças do Rio Içana cientes da necessidade de estabelecer alianças entre “crentes” e “católicos”, a fim de obter unidade e coletivismo na luta e defesa de seus interesses. (Casimiro, 2022, pág. 86)

Por outro lado, a FOIRN já estava começando a mobilização e a articulação política com instituições parceiras, em busca de apoio e recursos para as demandas dos povos indígenas da região. Lideranças *Medzeniako*, depois de enfrentarem muitos acontecimentos tensos em defesa de suas terras, sensibilizaram e mobilizaram um número maior de líderes das comunidades para participarem efetivamente do movimento indígena promovido pela FOIRN. (Casimiro, 2022, pág. 87)

### 3.3.2 Organização Indígena da Bacia do Içana – OIBI.

Criar OIBI foi conquista do povo *Medzeniako*, pois se nós formos ver a história que percorreu esta organização, vamos ver que tem sido e é fundamental referencia para atuais organizações criadas pelo *Medzeniako*. Eu diria que a OIBI tem sido referencia através dos seus diretores, como por exemplo, André e Bonifácio. A organização buscou e busca sempre inovar através da luta, apresentando seus projetos que visa sustentabilidade dentro do território. Hoje é possível notar que é as pessoas que não conseguiram ainda captar a ideia que foi apresentada direta ou indiretamente.

Um dos exemplos, associação pensou em uma escola que ensinasse de forma diferenciada, deu resultado, hoje diversas escolas são dirigidas pelos ex-alunos desta escola, na escola criada pela OIBI com parceria, trabalhou diversas técnicas de criação e plantação, como; piscicultura, avicultura entre outros. Foram excelentes iniciativas, mas as famílias ou pessoas como *Medzeniako* deixou a desejar, não teve interesse em experimentar de forma individual. Mas é possível dizer que nada acabou, é possível recomeçar e reviver essa experiência.

Depois da criação da Organização Indígena da Bacia do Içana - OIBI, as estratégias de articulação política coletiva passaram a ser centradas no fortalecimento organizativo da Bacia do Içana. O objetivo principal da OIBI, além de promover a demarcação de terras dos povos indígenas da Bacia do Içana, é lutar pelos direitos sociais, culturais e econômicos, junto com demais povos indígenas do Rio Negro. E é aqui que começa o marco da segunda fase da retomada de atuação política *Medzeniako*, incorporando as lutas políticas iniciadas pela ACIRI. (Casimiro, 2022, pág. 87)

Na Assembleia realizada na comunidade *Juivitera*, em 1992, foi eleita a primeira Diretoria Executiva da OIBI, com mandato de 1992-1996, com a seguinte composição: presidente - Bonifácio José (clã *Waliperedakenai*), vice-presidente - Albino Fontes (clã *Hohodeeni*), secretário - Isaías Fontes (clã *Hohodeeni*), tesoureiro - Afonso Fontes (clã *Hohodeeni*) e segundo tesoureiro - André Fernando (clã *Waliperedakenai*). Com esta composição, mostraram a preocupação em contemplar políticas de clãs opostos, representando uma solução de compromisso entre grandes grupos clânicos: *Hohodene* e *Walipere*. Dessa primeira diretoria, ficaram de fora as comunidades que apoiavam atividade de garimpo e que se posicionavam contra a fundação da organização, pois os garimpeiros fizeram promessas de atender demandas de lideranças se ficassem posicionados a favor da presença de atividade garimpeira em Terra Indígena. Isso ocorreu logo depois que o líder Augusto, Clã *Waliperidakelai*, da aldeia Aracu Cachoeira, tinha liderado um movimento de expulsão de empresa mineradora Goldmazon e de outros garimpeiros. (Casimiro, 2022, pág. 87)

O fortalecimento político da OIBI implicou em apoiar e dar assistência às comunidades que estavam acostumadas a negociar seus produtos e trabalhar para os "patrões". Isto era para controlar a entrada dos comerciantes "regatões", na região do Rio Içana. Os dirigentes da OIBI foram pressionados a exercer ações de aviamento, como as praticadas pelos "regatões". Até os dias mais recentes de minha pesquisa, quem presenciou a presença de "regatões" e garimpeiros na região ainda lembra da experiência de exploração de trabalho do modelo extrativista mantido pelo sistema de aviamento. Observando retrospectivamente sua trajetória política, membros da OIBI lembram que, quando a organização começou, seus principais opositores políticos estavam nas comunidades *Tunuí* (ligada ao garimpo) e São Joaquim (sob



influência militar do Pelotão de Fronteira), posicionando-se contra atuação de lideranças do movimento indígena no Içana. Este contexto é marca do início de retomada da força de atuação política de descendentes das lideranças tradicionais e fortalecimento de luta pelos direitos sociais liderados pelos grupos clânicos *Waliperedakenai* e *Hohodeeni*. (Casimiro, 2022, pág. 88)

**Figuras 34 e 35** (atividades e eventos promovidos pela OIBI). Entro de planejamento da organização e a comunidade Tucumã, sede da OIBI.



Imagens: divulgação na rede social “instagram da OIBI” (Conteúdo digital)

### 3.3.3 Associativismo e Protagonismo *Medzeniako*.

É fundamental salientar novamente, que as criações das organizações indígenas na região do Alto Rio Negro e especificamente na região (território) do povo *Medzeniako*, foi motiva pela a necessidade de legalização de um meio para a luta e resistência povo. É relevante compreender que essas organizações foram fundamentais, graça aos lideres dos povos do Alto Rio Negro, de cada comunidade, foi crida então as organizações. Foi por meio disso que as lutas começaram a dar o efeito e hoje podemos dizer diretamente que graça a luta dos movimentos sociais, hoje estamos com o nosso território demarcado e livre para fazer a gestão territorial e ambiental, levando em consideração os conhecimentos dos nossos ancestrais.

Diante das invasões, as lideranças indígenas do Alto Rio Negro, inicialmente, reafirmaram sua postura histórica de protagonismo com relação interétnica e para

organizar a resistência. As lideranças reivindicaram a gestão do seu território por meio de participação ativa no movimento indígena, através da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro - FOIRN, que, a partir dela, foram criadas diversas associações locais. (Casimiro, 2022, pág. 88)

Depois da homologação do processo de demarcação de Terra Indígena Alto Rio Negro, nas assembleias realizadas com objetivo de levantar propostas para proteção de seus territórios contra as invasões de garimpeiros, principalmente, no rio Tiquiê, Triângulo Tukano, Serra de Traíra, que geravam problemas sociais e culturais, porque os indígenas que iam ao garimpo realizavam trabalhos braçais, surgem as primeiras assembleias para expulsar os garimpeiros. (Casimiro, 2022, pág. 88)

Essa mobilização para discutir os problemas reuniu lideranças de todas as calhas de rios. Naquele momento, ainda não havia a ideia de criar a Federação, porém surge a necessidade de criação de organizações indígenas locais. As 89 lideranças enfatizavam a importância do associativismo (“Associativismo” está no sentido de unir e organizar para representatividade política do povo *Medzeniako*.) para enfrentamento de invasões, logo seria ferramenta importante de luta pela defesa dos direitos e expulsão de invasores. Era uma mobilização articulada pelas lideranças com a ideia de defender o território, reunindo lideranças para se fortalecerem politicamente e juntar forças e expulsar os garimpeiros. (Casimiro, 2022, pág. 88)

É notável que o Povo *Medzeniako* se sente mais com poder ao reivindicar algo que seja do anseio do coletivo, quando é uma organização que estais à frente dessa reivindicação. Isso demonstra e significa que há respeito e reconhecimento da relevância de uma organização criada pelos próprios *Medzeniako*. É neste sentido que percebe-se que uma associação é fundamental para dirigir uma iniciativa que provoca protagonismo entre os povos indígenas. E o povo *Medzeniako* tem atentado para isso, fortalecer os movimentos sociais que representa o povo, que defende seu território. E assim seguir fortalecendo seu próprio modelo de governança e o fazer político do Povo *Medzeniako*.

A segunda Assembleia Geral de 1997 teve a proposta de criação de uma entidade representativa dos povos indígenas, por lideranças do Alto Rio Negro. Ressalta-se que Álvaro Tukano, fez uma viagem à Bolívia e conheceu a organização social formada por indígenas, que o inspirou a propor a organização representativa dos povos indígenas do Rio Negro, como uma nova forma de organizar as comunidades indígenas, para garantir e lutar pelo direito individual, das comunidades e organizações representativas dos povos indígenas, conforme o Artigo 232 da Constituição Federal de 1988. (Casimiro, 2022, pág. 89)

Com novas ferramentas de lutas, a partir da criação da FOIRN, houve a necessidade de entendimento sobre direitos das comunidades e dos povos indígenas. Especificamente, os *Medzeniako* passam a realizar Assembleias próprias, momentos de discussões, decisões e reivindicações de ações específicas para região do Rio Içana. As assembleias passaram a ser espaços fundamentais de decisões coletivas, de afirmação e fortalecimento da organização política para articulação, mobilização, autodeterminação do povo, encaminhamento de demandas, propostas de acordos e construção de diálogo interétnico. (Casimiro, 2022, pág. 89)

Na região do Rio Içana, a organização mais fortalecida política e institucionalmente, inicialmente, foi a Organização Indígena da Bacia do Içana – OIBI, criada em 1992, que atua até hoje. Antes da criação de outras associações no Rio Içana, a OIBI realizou várias iniciativas na região, na área de geração de renda, por meio de

comercialização de produtos indígenas, com marca própria, de acordo com a linha de ação de alternativa econômica da FOIRN.

Com a saída dos comerciantes e missionários, o mercado de trocas de artesanato por produtos industrializados se direcionou à OIBI, com destaque para a comercialização de artesanatos (Arte Baniwa), pois muitas pessoas decidiram que não queriam mais sair dos seus territórios para trabalhar para os patrões, passaram a querer que a Associação tomasse a frente, organizando a produção e comercialização do artesanato das comunidades. (Casimiro, 2022, pág. 89)

As iniciativas, portanto das organizações sociais fundadas no território do povo *Medzeniako* seria para agir em busca que compreensão e a prática do protagonismo. E nesse sentido agir, a grande finalidade seria para provocar atenção do povo *Medzeniako*, através de ideias de implementação de projetos, para que seja compreendida ou experimenta o sentido e a relevância do protagonismo visando sustentabilidade. Foram realizadas diversas atividades. Foram executas diversos projetos desde os anos anteriores através de associações e seus parceiros dentro do território *Medzeniako*. A partir dessas atividades realizadas pelas associações, ficaria a critério de cada *Medzeniako* seguir na prática dessa experiência e posteriormente estar promovendo o protagonismo em diferentes atividades, por exemplo, na criação e cultivo dentro do território.

Como uma forma de resistência e estratégia para sair da dependência dos patrões, a OIBI tinha que valorizar a técnica de produção de artesanato como forma de trabalho tradicional e da defesa do território, pois os *Medzeniako* já estavam dependentes dos materiais e produtos industrializados e dos patrões, por isso OIBI tinha que fazer o trabalho e a função do “patrão”. (Casimiro, 2022, pág. 90)

Assim, a OIBI, em parceria com Instituto Socioambiental e com a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, cria o projeto Arte Baniwa, com objetivo de organizar os artesãos para produção e comercialização de cestarias de *arumã*. O Projeto foi a primeira grife indígena no Brasil, lançado, nacionalmente, no ano 2000, quando o Brasil completava quinhentos anos. A OIBI ganhou três prêmios nacionais na Gestão Pública e Cidadania, respectivamente, organizada pela FGV/BNDES/EASP/2001, Banco Mundial/2001 e Prêmio Chico Mendes do Ministério do Meio Ambiente/2002. (Casimiro, 2022, pág. 90)

Em 2013, o Estatuto da OIBI foi atualizado, conforme o Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil - MROSC, que tem como objetivo promover ações que garantem direitos constitucionais assegurados aos povos indígenas, preservar e fazer gestão territorial, ambiental do território originário do povo *Medzeniako*. Também tem como objetivo promover ações nas áreas de saúde, educação e sustentabilidade e outros; defender, judicialmente e extrajudicialmente, as comunidades, conforme os interesses coletivos culturais, ambientais e econômicos, visando à melhoria de condições de vida nas comunidades indígenas. (Casimiro, 2022, pág. 90)

As decisões para conduzir as ações das organizações acontecem nas assembleias gerais da OIBI, com apreciação e aprovação do Conselho Fiscal, que tem por objetivo acompanhar e fiscalizar os trabalhos da diretoria executiva e informar às comunidades sobre resultados de trabalho da Associação. (Casimiro, 2022, pág. 90)

Por motivo de extensão territorial e de dificuldades geográficas, como as fortes corredeiras ao longo do Rio Içana e afluentes, houve a decisão sobre a possibilidade

de outras comunidades também se organizarem, futuramente, formando novas associações, com propósito de solucionar as dificuldades e ampliar mais números de representações políticas e atuar, de forma fortalecida e articulada. As associações teriam como objetivo lutar pelos interesses, direitos individuais e coletivos em prol do Bem Viver, com estratégia de articular para implementação de seus direitos indígenas e promover diálogo interétnico. (Casimiro, 2022, pág. 91)

### 3.3.4 Outras associações que já foram criadas pelo *Medzeniako*.

De acordo com as análises feitas em arquivo pessoal, dissertações acadêmicas e textos das pesquisas realizadas foram possíveis observar que as criações de outras organizações *Medzeniako* aconteceram por necessidade das legalidades das lutas e por povo *Medzeniako* levar em consideração a relevância de uma organização. Observa-se que depois criação da OIBI, na sequencia foram sendo criadas outras Associações de base na calha e nas comunidades do Rio Içana, assim como relatamos na sequencia:

1. Associação das Mulheres Indígenas do Baixo Içana - AMIBI, criada em 1992; comunidades associadas e de área de abrangência: Boa Vista, Brasília, Irari-ponta, Auxiliadora, Jauacanã, Ituim ponta, Camarão, Santa Helena, Teyo Ponta, Cabeçudo, Maçarico, Monte Sinal, Bela Vista, *Pirayawara*, Buia Igarapé e Mirim Nazaré do Cubate, Nova Esperança, Assunção do Içana e *Wanalianaa*.

2. Associação das Comunidades Indígenas do Rio Ayari - ACIRA, criada em 1995; comunidades associadas e de área de abrangência: Santana, América, Loiro-poço, Urumutum Lago, São José, Cará Igarapé, Xibaru, Foz do Miriti, São Joaquim, Santa Isabel, Macedônia, Canadá, *Pirayawara*, Arari-pirá, Vila Nova, Inambu, *Panapanãpoço*, Apuí Cachoeira, Oucuqui Cachoeira, Jurupari Cachoeira.

3. União das Nações Indígenas do Baixo Içana - UNIB, criada em 1997; comunidades associadas e de área de abrangência: Nazaré, Ambaúba, Castelo Branco, Belém, Taiacu.

4. União das Mulheres Indígenas do rio Ayari - UMIRA, criada em 1999; comunidades associadas e de área de abrangência: Santana, América, Loiro-poço, Urumutum Lago, São José, Cará Igarapé, Xibaru, Foz do Miriti, São Joaquim, Santa Isabel, Macedônia, Canadá, *Pirayawara*, Arari-pirá, Vila Nova, Inambu, *Panapanãpoço*, Apuí Cachoeira, Oucuqui Cachoeira, Jurupari Cachoeira.

5. Organização da Comunidade Indígena do Distrito de Assunção do Içana - OCIDAI, criada em 1999; comunidades associadas e de área de abrangência: Assunção (*Wanaliana*) e Sítios.



6. Organização Indígena *Koripako* do Alto Içana - OICAI, criada em 1999; comunidades associadas e de área de abrangência: Matapi Cachoeira, Araçari, Coraci, Roraima, Japu-Ponta, Savanita, Edem, *Panapana*, Maracá-Ponta, Nazaré, Barcelos, São Joaquim, *Warirambá*, Betel, Boa Vista, Campo Alto, Matraca, Jerusalém, *Wainambi*, Camanaus.

7. Associação Indígena do Baixo Rio Içana - AIBRI, criada em 1999; comunidades associadas e de área de abrangência: Boa Vista, Brasília, Irari-ponta, Auxiliadora, Jauacanã, Ituim ponta, Camarão, Santa Helena, Teyo Ponta, Cabeçudo, Maçarico, Monte Sinal, Bela Vista, *Pirayawara*, Buia Igarapé e Mirim Nazaré do Cubate, Nova Esperança.

8. Coordenadoria das Associações *Baniwa* e *Koripako* - CABC, criada em 2002, representa todas as oitenta e cinco comunidades através das associações. CABC é uma representação regional do rio Içana e afluentes; interlocutora entre associações e FOIRN. Na Assembleia dos *Medzeniako* de 2018, teve mudança de nome e da sigla para Organização do povo *Baniwa* e *Koripako* – NADZOERI (A palavra NADZOERI vem da junção de sílabas iniciais dos nomes *Ñapirikoli* (NA), *Dzooli* (DZO) e *Eeri* (ERI), que são os nomes dos 03 (três) seres primordiais, fundamentais, para criação do universo *Medzeniako*).

9. Associação Artesãs de Mulheres Indígenas do Médio Içana - AAMI, criada em 2004; comunidades associadas e de área de abrangência: Nazaré, Ambaúba, Castelo Branco, Belém e Taiacu.

10. Associação Indígena do Rio Cubate - AIRC, criada em 2006; comunidades associadas e de área de abrangência: Nazaré do Cubate, Nova Esperança

11. Associação Baniwa do Rio Içana e Cuyari - ABRIC, criada em 2001; comunidades associadas e de área de abrangência: Tunui Cachoeira, *Warirambá* e Vista Alegre. Pode-se verificar, ao longo do tempo, o crescimento do povo *Baniwa* e *Koripako*, organizados por meio de várias associações locais representativas, demonstrando preocupação em criar processos que levaram à criação de uma organização representativa dos povos: Organização *Baniwa* e *Koripako Nadzoeri/2018*, baseado em suas experiências de mais duas décadas, fazendo parte da rede de organizações base da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, fortalecendo e colaborando com demais povos indígenas do Rio Negro.

12. Associação Baniwa e *Koripako Medzeniakonai* ASSIBK (Organização Urbano), uma organização que foi criado em 2023. Com objetivo de lutar pelos direitos coletivos das famílias *Medzeniako* e *Koripako* que residem na cidade de São Gabriel da Cachoeira e seus



entornos. A ideia de criação surgiu a partir das necessidades enfrentados no âmbito urbano pelo Povo *Medzeniako* e *Koripako*. Uma vez que as organizações indígenas só tem mais visibilidade ou reconhecimento legal, assim como os direitos são garantidos para os associados quando são moradores de certa região ou comunidade onde abrange a associação e território.

### 3.3.5 A casa *Wariró*: casa de produtores indígenas do Rio Negro.

Figura 36. Frente da Casa *Wariró*.



Foto: Arquivo pessoal, 2024.

Em São Gabriel da Cachoeira existe uma casa de venda de produtos da região do Alto Negro e outras localidades. Atualmente chamada de casa *Wariró*, foi um projeto pensado e projetado pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN. Como meio de dar suporte às famílias da região do Alto Rio Negro, a casa *Wariró* adquiriu e adquire cestarias e outros materiais de várias especificidades histórica e culturais dos 24 povos do Alto Rio Negro, para comercializar. E essa atividade gera subsistências para as famílias das comunidades da citada região.

Ao longo do trabalho, conversei com uma pessoa que já atuou na coordenação da casa e hoje atua na FOIRN, na coordenação dos projetos, que me relatou sobre as sequências de atividades desenvolvidas e a serem desenvolvidas pela casa ao longo dos anos. Segue a fala:

Tá, então... sou Luciane Tariano, atualmente sou coordenadora do departamento de negócios socioambientais, coordeno aí mais de 20 iniciativas com geração de renda, entre elas tem o turismo, Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), casa *Wariró*, que é casa de artesanato, casa de fruta, que são frutas desidratadas, e tem a de beneficiamento do *wará*, que ainda tá em processo de finalização da casa, que é lá no Rio Ayarí.

Então, a casa o *Wariró*... ela surgiu de uma demanda das mulheres de ter uma casa, de ter um local que pudesse escoar seus produtos, né... então, atualmente, a gente trabalha com os 23 povos, mas ainda assim a gente não consegue ter artesanato de todos os povos, mas dentro hoje da casa *Wariró* nós temos produto do povo *Tucano*,

*Baré, Yanomami, Tariano, Piratapuia, Cubeu, Rúpida*, e demais. Nós temos assim grande parte dos povos estão que fabricando e comercializando pela casa.

Então, a gente recebe produtos de associações né... que atualmente tem mais de 90 associações que são filiadas à Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN. Então, a maioria dessas são associações de mulheres né... que fazem o processo, produzem artesanato, então a gente trabalha com elas, mas também com indígenas autônomos, né... que não são filiados a nenhuma associação, ou quando se vê a casa *Wariró* muita gente não vende pensando que a gente só trabalha com as associações filiadas, e é algo que a gente está quebrando aos poucos, né... a gente consegue hoje ter é peças de indígenas venezuelanos que não estão vinculados a nenhuma associação.

Então, a gente vende, quem leva os produtos a gente avalia, dependendo da demanda a gente tá comprando e a precificação ela funciona é através de uma discussão né... que é feita dentro do encontro geral de produtores que é realizado anualmente né... e por conta das agendas do ano passado, 2023, não foi realizada, o último foi realizado em 2022, e nesse encontro de produtores é discutido precificação, discutido tamanho, é conversado e mudado o acordo de cogestão, que é um documento que vai é colocar o papel das partes, tanto o papel de quem está dentro da comunidade, o papel de quem tá ali na casa *Wariró*, o papel dos departamentos da Federação, pra assim alinhar e fazer com que a gestão da casa funcione coletivamente, né... então toda discussão de precificação e tamanho é discutido nesse encontro.

A gente não põe o valor que vem na nossa cabeça, tudo é feito através desse encontro geral de produtores que é uma forma da gente alinhar os processos, trabalhar de uma maneira clara com que eles vejam todos os processos, tudo que a gente está fazendo, o dinheiro, tudo que a gente está comprando e tudo que está saindo.

Na precificação a gente faz uma oficina, cada artesão, cada grupo vai colocando seus preços, se está bom do jeito que gente está pagando hoje, uns aumentam dez reais e, no fim, é votado a decisão de como a *wariró* vai pagar. A porcentagem que hoje o *Wariró* recebe por cima dos produtos é uma margem de 60%, por que essa margem? Porque a casa não se sustenta sozinha, então ela paga é energia, telefone, materiais didáticos, materiais de limpeza, limpeza do local e hoje está pagando o aluguel, por não ter ainda seu próprio prédio fixo, né... que daqui a pouco para as próximas semanas vai ser inaugurado.

Então esses 60% é para pagar essas despesas, que são essas despesas fixas né... e também tem as sacolas, as caixas a padronização, e hoje, a *Wariró*, ela não paga funcionário, que essa margem de 60% ela ainda não consegue fazer com que a *Wariró* se sustente sozinha, se fosse pago pela *Wariró*, dentro dos estudos que nós fizemos, a *Wariró* ficaria todo mês é com saldo negativo, se fosse pagar salário, então hoje ainda a gente depende da FOIRN, né... com os projetos institucionais para pagar os 3 funcionários que nós temos na casa.

Fizemos uma projeção de 2021 a 2025 para que a gente tente é conseguir fazer com que o *Wariró* consiga pagar o salário até 2025, mas hoje ainda não é possível, então essa é uma das realizações que a gente pretende obter daqui para ano que vem, não sei se é possível, mas vamos tentar vamos caminhar, né... e o que a gente precisa muito é fazer com que também os artesões valorizem a casa *Wariró*, tenham a casa *Wariró* como referência em que a gente está fazendo, porque a gente faz a divulgação, a gente dá visibilidade para os artesões e mostra nossa cultura pro povo de fora né, que dentro da cidade já tem várias associações, já tem várias lojistas de artesanato. Então a gente não compete com eles, o nosso trabalho é dar visibilidade, vender pra fora, que é onde a gente consegue vender mais e divulgar mais; a gente tem todo o trabalho de valorização do artesão de colocar o nome dele na etiqueta, é de falar sobre cada povo, né... dentro das etiquetas da *Wariró*, principalmente cerâmica *Tukano*, cerâmica *Baniwa (Medzeniako)* o banco *tukano*, cestaria *yanomami*, tem a etiqueta que fala um pouco do produto, isso já dá um diferencial das outras lojas que tem que vender artesanatos na cidade.

Então, a *Wariró* hoje tem uma gerente que é administrativa financeira, né... que cuida dessa parte de emissão de nota fiscal, pagamento do artesão no recebimento dos artesanatos, e nós temos dois atendentes comerciais, uma fica só pra atender e limpar mesmo, e o outro hoje está trabalhando com marketing da casa, então ele estava fazendo essa parte de publicações no Instagram, é conversa mais próxima com os clientes de fora e a gente pensa em escoar para fora do Brasil, nós escoamos algumas vezes quando eu ainda estava na gerência, né... então eu consegui mandar pra Nova Iorque, Portugal, mas hoje, ainda nessa nova estrutura que tem aí, a *Wariró* ainda não conseguiu por conta da emissão de nota fiscal, e como exportar, né?... que ainda é um dos gargalos que a gente precisa verificar e treinar para que a gente consiga fazer.

A última venda do ano passado que foi pro exterior, fizeram ponte junto com a Galeria amazônica, então além do preço da *Wariró*, aumentou mais um pouco com o preço do que a Galeria vende, né... então essas são uma das dificuldades que a gente tem hoje, mas a gente está nesse processo, acho que desde 2020 até agora 2023, a gente avançou muito, então a meta todo ano é aumentar; e a gente faz um Balanço do que a gente gastou e do quanto a gente conseguiu gerar renda para as comunidades. E quando a gente vai ver esses dados, a gente coloca por Coordenadoria, então são as 5 coordenadorias, então de acordo com os cadastros das notas fiscais a gente consegue ter isso dentro de um índice do que a gente está propondo e o quanto a gente precisa melhorar para avançar no próximo ano.

Perguntei-lhe: “Quais são as perspectivas daqui pra frente?”.

Comprar mais artesanato, porque quando têm despesas fixas altas a gente tem que controlar o caixa, né... a gente não consegue comprar o tanto que a gente precisa por ter despesas a pagar, então vai ser menos uma despesa, menos 2000 reais de aluguel e a gente vai conseguir comprar, o valor do aluguel vai conseguir comprar mais peças, né... e a gente gosta de trabalhar com encomenda das associações. Por que encomenda? Porque a gente consegue é saber que a gente tem aquele valor para vender e apurar para pagar, e a gente consegue se organizar dentro da casa que a gente precisa vender para conseguir aquele valor, para quando o artesão chegar com as peças a gente ter dinheiro para comprar.

E um dos avanços que hoje a *Wariró* conquistou dentro desse trabalho todo de gestão, de todo o cuidado, é que a gente não pega mais o consignado, que o consignado é o artesão deixar e a gente só pagar quando vender o artesanato. Hoje a gente consegue pagar o artesão, se tiver dinheiro no caixa a gente consegue pagar, mas se não, a gente manda pro financeiro, né... então a federação ela tem 2 dias de pagamento, então a gente sempre explica isso pro artesão, mas quando é uma urgência, o artesão não tem como ficar na cidade, a gente dá um jeitinho para que o artesão seja pago o mais rápido possível e a gente consegue ter dinheiro hoje dentro da conta, coisa que a gente não conseguia nos anos anteriores.

Então, a gente compra, dependendo do produto, à vista, é o que a gente não vai comprar, vamos dizer que a gente tem 50 *Urutú*, aí chega um senhor e vai vender só um e a gente tem no estoque 50 *urutú*... não tem como a gente comprar. Veja, né... nesse trabalho, nesse sentido, assim, pra gente não é viável comprar uma peça, a gente tem que comprar com quantidade grande que é pra falar nas prateleiras, e agora com a finalização da obra e até esteticamente como tá sendo feita ao aeroporto, a gente espera ter muitos visitantes, né... porque ali não é só... não é uma loja, é uma casa de saber, também, porque ali a gente não compra só o artesanato, né... tem todo um valor dado em cima, é uma história, tem livros, é ancestralidade dentro de uma casa.

Então a gente sempre procura buscar, também, é conversar com os atendentes para que eles expliquem como que é feita a peça, né... que não basta só a gente botar ali o preço e o cliente se vira. O cliente, ele gosta de ouvir. Então a gente vem instruindo

os atendentes a conhecerem um pouco mais, né... claro que a gente não... nem todo mundo conhece a cultura, é aquilo que eu sempre falo, a partir do momento que você entra no movimento indígena, você percebe o quanto você perdeu anos da sua vida sem conhecimento tradicional, sem ver as suas ancestralidades. Então a líder da *Wariró* é a ancestralidade viva, a gente consegue viajar, né... nesse mundo de luta dos povos indígenas.

Com a matéria prima *Arumã*, então... lá na *Wariró* a gente tem uns cestos, jarros grandes, *Urutu*, Balaio, todas as peças de *arumã* saem, que é feito de *arumã*. O diferencial é que na *Wariró* pra fora, o que sai são as peças grandes, porque não compensa o cliente comprar as peças pequenas por conta do frete, e a gente vende muito pra estética, né... o pessoal é pra enfeitar, organizar algum evento, então são as peças grandes que sai. Os *Urutús* pequenos, balaio pequeno, ele sai da sede mesmo na cidade, mas a nossa venda maior são as peças grandes.

Quem visita mais a casa são pessoas de fora. O pessoal daqui da cidade (São Gabriel da Cachoeira) vão, mas só pra olhar, porque se assustam por conta do preço. Mas é o público de fora que visita mais, os médicos, né... do EDS, vão muito, pessoal que sobem o yaripo, pessoal que vão para o *kurikuriari*, que estão fazendo turismo dentro da cidade, aí eles vão, chegam mais, né... a nossa venda é muito on-line. Nós temos uma política de venda por precificação, nós só mandamos para fora a partir de 600 reais, e com dez mil, cinco mil, a gente dá desconto. Nós entregamos fora do estado, para Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Rio Grande do sul, Brasília, São Paulo, várias regiões.

Enviamos as encomendas via transportadora, barco Tanaka, atrás na balsa e aqui de Manaus a transportadora pega e envia, sai mais em conta, porque pelo correio o valor é muito caro. A gente está buscando ferramentas. Durante esta semana que estou de Manaus, eu tive uma conversa aí na Galeria de uma outra forma, que é uma empresa que faz trabalho via correio e é muito mais barato que o correio, vamos ver se é viável de São Gabriel, só experimentando... porque uma coisa é sair daqui e outra saída de São Gabriel, que é muito mais caro.

Então a gente vai ver essas possibilidades de ver se a gente consegue, mas por enquanto é dessa forma, porque não tem como ser outra forma, porque é o cliente que paga o frete. Se uma mercadoria, uma caixa com compra de 600 reais, dependendo do local, eles vão pagar 600 reais só de frete, aí não compensa. Então eles têm que fazer uma compra bem alta para suprir o valor do frete que é muito caro. Mas, ainda assim, a gente consegue vender bastante.

Conversei também com a gerente da casa *Wariró*, a qual relatou, da seguinte maneira, a situação atual da casa:

Me chamo Rosângela Fidelis Martiniano, sou do Povo *Baré*. Atualmente eu gerencio a casa *Wariró*. Vamos lá, falar um pouco sobre as cestarias de *arumã*, cestaria *Medzeniako*. Então, o processo de comercialização aqui na casa *Wariró*, ela é feita, é... vamos dizer assim, não por contratos, né... a comercialização dela é feita por através de artesanato individuais, várias comunidades, algumas associações, que a gente não tem muito, muita associação assim certa, né... para trabalhar com a gente, em questão de cestaria, então é mais trabalho individual, mesmo, de produção individual.

Então a gente trabalha com o pessoal da comunidade yamado, né... individual; pessoal de São Joaquim do Rio Ayarí traz algumas, também... peças para nós, mas é mais local, né... a tendência da *Wariró* é abranger as comunidades, que é o objetivo da *Wariró* né... atender as bases. Porém, hoje, a gente tem pouca parceria em questão de cestaria, o que mais a gente tem de movimento do alto Içana é cerâmica, cerâmica *Medzeniako*.

Agora cestaria, a gente está tentando caminhar com eles, né... eles trazem, a gente compra. Porém, uma coisa que acho, quem mais trabalha são as mulheres mesmo lá, né... que evolui bastante, e também eu vejo assim que, na cestaria, eu acho que eles têm contrato com OIBI, né... porque eu vejo que eles fornecem muito para OIBI. Eu não sei se vai continuar do mesmo jeito, mas já chegou um artesão falando bem assim, “aí, eu trouxe cem peças”, era OIBI ou Alfredo, mas não quiserem comprar e acabaram trazendo pra nós, né...

Aí é como se a gente fosse última opção pra eles, né... e eu sempre falo pra eles, “poxa, vocês têm que ver também que a gente comercializa artesanato de vocês, mas a gente não quer também se pensar que a gente vai ser a última opção, né? Vocês fazem 50, 100, 50 pra eles e 50 pra gente, né?” Porque a gente queria mesmo fortalecer as bases, porém não é assim que funciona, ne... é um pouquinho complicado nossa realidade com a cestaria hoje, aqui na casa *Wariró*.

Por isso que a gente acaba comprando local né, que é em São Gabriel, porque vem o pessoal da comunidade de Areal, vem produtores que moram no bairro do Dabarú, na Areal e eles trazem para a gente. Então, hoje, como eu te falei, nossa dificuldade é com pessoal da comunidade do interior mesmo, né... e também o Alfredo, também a gente compra dele, a gente ajuda, né... ele pode até confirmar quando ele for falar, que a gente não compra assim tanto dele porque ele tem a parte comercial dele, né... ele tem a lojinha dele. Então ele também ajuda de uma forma os parentes, né... vender a cestaria, só que como também, como ele está às vezes meio complicado, aperreado, aí a gente acaba pegando dele para ajudar. Também da OIBI, que nós ajudamos bastante antes de fechar, não sei como que está a situação hoje, mas a gente também comprava cestaria da OIBI, ou seja, querendo ou não, a gente ainda pegava um pouco das associações, né... de quem produzia lá na base; a gente acabava comprando através da OIBI. Porém, o nosso foco, da *Wariró*, como te falei é abranger lá, entendeu?... a comunidade.

Então a gente tenta todo o tempo falar assim, poxa... a gente manda a encomenda de cerâmica, aí sempre falo para o responsável, “vê se alguém produz lá, cerâmica, cestaria, porque quando vocês tiverem datas pra entrega, traz que a gente compra”. Só que chega 2, chega 10 peças, quantidades... aí é complicado.

Aí a casa *Wariró*, ela tem a tabela de preços dela, né... de cestarias. O *Urutú* a gente trabalha com medida de diâmetro e a altura, então cada preço que a gente coloca na *Wariró* é conforme o tamanho, a gente compra com base no tamanho. Também a gente tem uma política de compra que é referente a qualidade, né... do artesanato. A gente compra por um preço um pouquinho mais abaixo, que a gente tem uma tabela para os que são tingidos e o artesanato que é natural. E são 2 preços, e ainda tem a parte da qualidade, né... artesanato que é comprado que não tem um bom acabamento, a gente compra em um preço, e o que está bem acabado aumenta um pouquinho também o valor. E o produto que não está bem acabado a gente não compra. Porque a *Wariró*, ela passou um processo muito longo na questão de reestruturação dela, em questão de qualidade.

Aí até o passado, acho que até final do ano passado nós conseguimos vender tudo o que tinha ali, vamos dizer assim, de qualidade baixa, tudo pela metade do preço. Conseguimos vender. Mas é uma coisa que a gente não quer mais pegar para *Wariró*, porque traz um pouco de prejuízo para gente, entendeu?...

Porque às vezes compra de 100 reais e a gente vende a 160 aqui, só que aí como está, como uma peça assim, não muito bem acabada, pessoal não o leva por aquele valor. Aí, pra gente não tem ganho nenhum, porque eu o comprei de 100 reais e vou vender 80 ou a 100 mesmo, vou estar perdendo; e outra, tem a parte da despesa da casa, né? Eu não posso ficar vendendo por um preço muito baixo também, sendo que o acordado com artesão ele é de 60% da casa, ne... Aí pra gente também fica muito difícil nessa questão de acabamento.

A questão não é porque a gente não quer ajudar o parente, né... só que a gente ou eles têm que ver também que a gente trabalha com comércio. E para vender eu preciso vender alguma coisa de qualidade. Como é que eu vou chegar no local e o produto não está acabado e vou levar? “O dinheiro é meu, né?”, o cliente pensa



assim; “eu estou gastando, eu estou investindo, então preciso de coisa boa”. E muitas vezes o artesão não consegue entender e fica chateado, né... não queria entender.

Aí, por tantas vezes que conversamos com artesãos, elas acabaram meio que botando na cabeça deles que eles precisam ter qualidade dos produtos, que assim eles conseguem ter e dar um retorno bom pra eles. Aí o que eles faziam, levaram, né... pra casa deles, eles refaziam a peça e traziam para gente ver. Eu falei, “olha que evolução nós tivemos, né?”, nisso ficavam com raiva; aí depois não, viram que realmente eu preciso ter uma qualidade boa para eu poder também conseguir vender e ter retorno melhor de compra de novo, né...

Aí eles traziam pra gente, você acredita?... pra gente avaliar. “E agora? Eu trouxe pra senhora ver. Como é que está, está bom desse jeito?”. A gente fala, “agora sim, você pode continuar, está bonito, aí você faz 12 peças, 24, que a gente compra”. E é dessa forma que a gente trabalha, né... aqui na casa. Porcentagem que é acordada também no acordo de cogestão. A gente tem um acordo de cogestão da casa *Wariró*, que ela é referente a tudo que é do funcionamento da casa. Funcionamento, preço, qualidade, tudo isso no acordo de cogestão. As bases, elas têm ciência desse acordo. Tanto na questão do transporte, a obrigação, desde a nossa responsabilidade.

Perguntei também: “Qual *Urutú* vocês vendem mais? Com grafismo ou sem grafismo”:

Sim, eu acho que *Urutú* tem mais saída quando está com grafismo. Mas, por mais que ela esteja com desenho bonito ou natural, mas o que é característico na cestaria são os grafismos e que representa muito o *Urutú* e o seu significado, né? Maioria tem significado e algumas eu andei pesquisando, perguntando alguns artesãos, eles falam que é somente pra identidade do *Medzeniako* né?... às vezes só é um risquinho ou bolinhas, que usavam antigamente pra dança e para outras cerimônias. Aí acaba traduzindo e fazendo nas cestarias. A gente percebe muito essa diferença mesmo, né... de questões de escolha dos clientes, eles escolhem realmente aquilo que tem mais grafismos.

A gente fala muito isso para o artesão. Porque o turista às vezes, ele é muito diversificado, né... eu sempre falo para os meninos ali, algumas vezes falam assim, “não, está mais bonito”. Não é questão também da beleza, né... porque a gente tem que pensar em vários públicos, tem gente que gosta sim de tom natural, tem gente que gosta dele colorido assim, vermelhinho, tem gente que gosta no preto, tem gente que gosta no preto e vermelho, então o grafismo, ele chama muito a atenção.

Perguntei também: “Já teve alguma reclamação do cliente que comprou na casa?”.

Teve até uma situação aí de um artesão que a gente acabou pegando, porque ele veio de longe e só por causa disso pegamos, se não a gente não ia pegar, porque acabou manchando uma parte todinha do *Urutú*, justamente foi na hora que pintaram ele, não tomou cuidado de pegar aquela colinha que chama de “xixi” acho, ne? “Uma mistura que a casca de madeira” não deixou secar direito, aí aconteceu um contato já com o natural, ela foi saindo a cor, aí ela ficou meio que manchada, né... manchada algumas partes, eu falei “meu Deus”. Eu falei, “só vou pegar dessa vez, vamos ver se a gente consegue vender”. Nós conseguimos vender, porém demorou um pouquinho, né...

Já tivemos reclamação, não foi local daqui não, porque aqui no local é fraco, né... movimento aqui no local é fraco, é mais logística, aí nós mandamos pro ISA de São Paulo, eles têm uma lojinha deles onde vendem nossas em São Paulo. Aí nós mandamos cerâmica e algumas cestarias, foi *Urutú, Balaio*, que chamava atenção; se borrar Balaio já era, mancha todinha, a beleza dele está ali, né... agora até que *Urutú* às vezes borra um pouquinho dentro, mas dá pra disfarçar, jarro também dá pra disfarçar, agora, o Balaio, não dá não, manchou ali já aparece, né? Ele é muito visual.

Aí ele falou assim, que chegou daquela situação que falei, manchado com pinguinhas pretas, aí ele falou que não era para gente mandar mais, que era para repassar para o artesão tomar cuidado com esse acabamento, com a pintura, porque chegando desse jeito aqui a gente não consegue vender. Ele foi a mesma situação que a gente passa aqui, né... ele falou “os clientes, eles são muito exigentes, a gente não consegue vender e outros pensam que é já usada ou já está ali muito tempo”.

Então, outra vez ele falou “não mande desse jeito pra a gente, porque não tem saída”. Então a mesma coisa que ele passa lá a gente também passa aqui. Por isso que hoje, a gente compra com qualidade, tem que avaliar bem, tanto que quando chega de associação, por mais que seja uma encomenda que eu fiz, a gente não pega todos.

Eu sempre falo para eles, “vai pra encomenda, quando chegar a gente vai conferir, fazer avaliação, o que tiver quebrado ou manchado a gente vai devolver”. Então já estão cientes, não tem como eles ficarem chateados, né... porque vai ser conferido tudo. Dessa forma que acontece, a gente confere para ver se não tem nenhuma mancha, nada de rachado, aí a gente pega e o que apresenta problema a gente acaba devolvendo. Eu sempre falo para eles que o comércio não é igual comércio de comida, são coisas que a gente tem que pensar daqui para frente, “não, eu vou ter que produzir bem para poder durar um pouco mais e isso repercutir”, e a gente tem que dar uma boa imagem.

Perguntei também: “Vocês têm ou passam por uma formação para aprender as histórias das cestarias quando entram ou chegam na casa para trabalhar?”.

Não, nessa parte, infelizmente não, porque a gente acaba aprendendo dia a dia. Um coisa a gente aprende na prática e tem coisas também que a gente não consegue ter noção, porque às vezes nem o próprio artesão consegue repassar para a gente.

O pessoal que vem de longe consegue passar umas coisas, mas tem muita gente que acha que vai aprendendo aos poucos assim, ao longo do tempo, acaba vendo bonito aí já vai fazendo. Aí nem eles falam pra gente os significados dos desenhos, por exemplos, criados nas cestarias.

Como é que a gente vai repassar quando um cliente for perguntar sobre essas coisas? Sempre pergunto dos artesãos o que significa os desenhos, porque aqui o turista pergunta muito, pergunta demais, aí como a gente fala, né? A gente não chama de loja, chamamos de casa, e eu falo muito pra eles, é uma casa que reúne história do Rio Negro inteiro.

Por isso eu falo para os colegas aqui, “a gente precisa ficar lá estudando, pesquisando para poder saber”. Porque eu, eu sou muito curiosa, eu vou atrás, pra saber das coisas. Porém, não sou eu que estou ali na frente, atendendo diretamente o turista ou os clientes, eu fico aqui, às vezes eu saio e eu acabo me deparando com essa situação, né... “o que é isso, que aquilo?”, aí já vou me meter, respondendo.

Só que precisamos realmente passar pelo menos por treinamento, pelo menos nessa parte de conhecer o artesanato e histórias. Eu sou daqui de São Gabriel, né... os

colegas também. Eu cresci no meio de artesanato, eu via desde criança meu pai produzindo tupé, né... do povo *Baré*, então pra mim é muito familiar.

Mas eu tenho um pouco de dificuldade realmente é sobre *Medzeniako*, cerâmica, *Tukano*. Saber dos significados, entre outros. As pessoas sempre perguntam e a gente não sabe explicar. Por isso sempre pergunto dos produtores para eu poder repassar aos clientes. Tem livrinho que às vezes leio, apresenta um pouco os artesanatos do material, de como tinha feito o tingimento, e aí vem a parte do grafismo, lá que eu fui ver isso, que eu falei... lá que eu fui ver alguns significados, mas a maioria está escrito, não tem nada muito aprofundado na questão disso; de grafismo não é muito, tem pouca coisa, foi ISA que fez essa publicação.

A tabela de preços era bem baratinha, a gente não vendia tanto. Foi engraçado, eu falei, até fiquei um pouquinho assim, com medo, né... quando mudou para 60% e tivemos que atualizar a tabela de preço lá, de produtores, e consequentemente aumentar o preço da casa também. Aí eu pensei, “meu Deus, será que vai dar certo isso?”, eu duvidei, porque vai ficar tudo muito caro, né... as pessoas já falam que é caro, aí eu falei “não vai ser caro, mas vamos fazer um teste, nós vamos comprar banco grandão de 2 metros, banco *Tukano* de 300”. Nós compramos de 1000 reais e vendemos por 1600 reais, e sai muito bem. Então aí eu falei, “meu Deus, é verdade”, eu falei, “a questão de valorização... quem vai valorizar os produtos se a gente não for valorizar?” E ainda o pessoal fala que aqui é caro. Não é caro; não é caro porque se você for ver os valores para chegar os nossos produtos, é outra história.

Após essa entrevista, dei-lhe algumas dicas: que a casa dos produtores indígenas do Rio Negro pudesse realizar um evento de desfile para, exatamente, expor as cestarias e ao mesmo tempo provocar a participação dos jovens; divulgar através de desfile os artesanatos, cestarias e os grafismo que tem na casa. Dessa forma, a visibilidade, valorização e fortalecimento desse trabalho estaria também acontecendo.

Também dei uma sugestão de que seria necessário pensar em uma formação específica para os jovens e pessoas que são contratados pela casa para trabalhar, uma formação que preparasse essas pessoas para atuar dentro da casa. Devem conhecer ou aprender um pouco sobre histórias, significado das cestarias, dos desenhos (grafismos) existentes dentro da casa dos produtores.

Assim como é necessário estar pensando em publicações de livros pequenos voltados aos tipos de cestarias, tipos de desenhos (grafismos), que seja também uma publicação de pequena cartilha ou até um livro especificamente das cestarias da casa dos produtores do Rio Negro. Também sugeri a ideia de alimentar mais a rede social da casa, criar sites ou até mesmo no Instagram; na hora de fazer publicação, deve-se colocar mais histórias da cestaria postada, por exemplo. Quando postada no Instagram, deve ser escrito o significado do desenho (grafismo) que está naquela cestaria, o nome do povo do qual o produtor faz parte. E criar uma conta no YouTube para publicação de pequenos vídeos sobre cestaria, de como é o processo de produção, as histórias das cestarias, as histórias dos povos que as produzem, etc.

### 3.4 Por que resistir?

É necessário salientar que povo *Medzeniako* tem enfrentado desde os tempos coloniais, diversos desafios, assim como relatam diversas historiografias coloniais e eurocêntricas, onde é possível notar a tentativa de silenciar e marginalizar os povos indígenas segundo a história do Brasil. A reflexão é; como era cruel a intenção colonialista. Uma das finalidades colonial seria para que povos indígenas desaparecessem da história? Que os povos indígenas fossem lembrados apenas como algo do passado? Mas a força e coragem dos líderes dos povos indígenas, hoje podemos dizer que estamos presentes, nos somos história, nos fomos vítimas, mas também como é bom refletir que fomos e somos estrategistas e resistentes para manter e garantir os nossos direitos e territórios, os nossos costumes, tradições, conhecimento e formas próprias de se organizar.

Nós, indígenas, estávamos aqui na nossa terra – que não se chamava Brasil – antes dos colonizadores. Eram milhares de pessoas, milhares de etnias e línguas. Os colonizadores mataram todos, de todas as formas. O objetivo do Estado brasileiro era que não existisse mais indígenas no Brasil até o ano de 2000. Felizmente, conquistamos nossos direitos na Constituição de 1988. Ainda existimos, somos muitos e estamos perplexos, enfrentando dificuldades no entendimento do nosso direito intercultural.

Os indígenas de outros países entenderam rapidamente o direito intercultural ou multicultural, por isso lutaram e conseguiram incluir o bem viver e o viver bem em suas constituições. Estes são conceitos da política dos povos indígenas na América Latina, portanto, devem ser bandeira de luta também em nosso país. (Baniwa, 2019, pag 15)

Para nos aprofundar mais, vamos ver que antes da invenção do Brasil, neste território viviam cerca de 2 a 4 milhões de habitantes, segundo estimativas de John Monteiro (ALMEIDA, 2010, p. 29), constituindo-se um espaço bem populoso, sobretudo se comparado à reduzida população portuguesa em 1500. Por outro lado, havia uma diversidade étnica, linguística e cultural muito grande, calculada por Aryon Rodrigues em mais de 1.000 etnias no tempo da invasão pelos portugueses.

E vamos ver também no livro “Os índios antes do Brasil”, onde o antropólogo Carlos Fausto faz uma leitura crítica do que supõe ser a vida dos povos indígenas, no território que hoje é o Estado brasileiro, antes da chegada de Pedro Álvares Cabral em 1500, a partir das evidências da Arqueologia e Linguística e dos relatos dos colonizadores e missionários.

De personagens secundários apresentados como vítimas passivas de um processo violento no qual não havia possibilidades de ação, os povos indígenas em diferentes tempos e espaços começaram a aparecer como agentes sociais cujas ações também são consideradas importantes para explicar os processos históricos por eles vividos.

Essas novas interpretações permitem outra compreensão sobre suas histórias e, de forma mais ampla sobre a História do Brasil (ALMEIDA, 2010, p. 9-10).

Os trabalhos acadêmicos nos levam para as reflexões, e sempre ficamos fortalecidos ao olhar ou saber que passamos por isso, pois estamos presentes, estamos ativos e seguimos resistentes e existentes. Por exemplo, há relatos que nos lembra de como foi e é vista ou definida pelos colonizadores, povos indígenas, considerados como “gente sem religião, sem justiça e sem estado” o que retrata uma oposição entre homem natural e estado. Essa visão está baseada em uma perspectiva evolucionista e colonialista que desconsidera outros modos de ser e viver para justificar a sua dominação como se os europeus fossem povos superiores.

Povo *Medzeniako* faz parte dos aproximadamente 93 comunidades indígenas, vivendo há séculos no extremo noroeste da atual fronteira geopolítica da Amazônia brasileira do Brasil com a Colômbia e a Venezuela. Como já relatamos acima, as aldeias *Medzeniako* distribuem-se ao longo do rio Içana e em seus afluentes Ayarí, Cuyarí, Quiarí e Cubate. Atividades principais exercidas pelo Povo *Medzeniako* é caça e pesca, agricultura e produção de cestarias, construção canoas e remos de madeira. O cultivo da mandioca também é atividade fundamental entre povo *Medzeniako*. Na cidade, é notável a manifestação da população de que a farinha produzida pelos *Medzeniako* é um dos melhores. Assim como os *Medzeniako* são considerados excelentes artesãos, os quais produzem cestarias de diferentes tamanhos, com desenhos variados.

Essas potencialidades “atividades realizadas” praticadas pelo povo numa aldeia, ainda requer muito atenção, ou seja, é necessária a compreensão da importância dessas práticas “atividades”. Acredito que maiorias das lideranças de suas comunidades e associações, quando relatam que a resistência segue sendo principal dever ou foco dentro das aldeias e território, uma das visões dessas lideranças é exatamente manter essas práticas, pois havendo um dia um entendimento por parte do poder público governamental de que é possível apoiar trabalho das comunidades que exercem essas atividades, assim como as famílias, homens e mulheres, se começarem a compreender da importância, por exemplo, da produção, construção ou cultivo dentro do seu território de forma individual ou coletivo visando sustentabilidade ou auto sustentabilidade, aí sim haverá o tempo de experimentar e viver de fato a tal desejada auto sustentabilidade da família e aldeia.

Atualmente é notada a grande descompressão da relevância do cuidado e proteção do território. Muitos homens e mulheres *Medzeniako*, acham ou dizem que os movimentos indígenas, “movimentos *Medzeniako*” só atrapalham ou é perda de tempo, e que só estão



existindo ou sendo ferramentas para outras organizações existentes no País ou fora País, para nos manipular como povo *Medzeniako* e não poder fazer nada para que tenha uma vida melhor com a família. É aqui está o problema, aqui está um dos exemplos de descompressão dos próprios *Medzeniako* referente à relevância dos cuidados que se pode ter com o território. Primeiro, é que, nenhum *Medzeniako*, dentro do território do povo está proibido de plantar, criar, produzir objetos entre outros do que ou oque for que esteja dentro do seu alcance. Oque é necessário somente *Medzeniako* entender e compreender é a maneira correta de usufruir as potencialidades existentes no território de forma controlada e sustentável.

As escolas indígenas *Medzeniako* são espaços fundamentais para formador trabalhar estas preocupações *Medzenikao*; “oque é território, para que é território, como devemos cuidar do nosso território e porque”. Historicamente, os povos indígenas resistem lutando para que suas culturas não sejam extintas, sendo assim, os espaços educacionais dentro dos nossos territórios são espaços fundamentais para amenizar essas preocupações, essas histórias que nos fazem refletir muitas vezes negativa e maior positiva, devem ser colocadas nas discussões nos espaços escolares. A manutenção das nossas línguas tradicionais é relevante. Especificamente no território *Medzeniako*, essas ricas discussões devem ser de fato discussões que obtenha resultado satisfatório por está sendo feitas discussões na língua *Medzeniako*. Pois aqui está a maneira de resistir, mantendo a língua fortalecida, conhecendo os sentidos e a relevâncias das leis que garantem nossos direitos, interpretando as questões em nossa própria língua *Medzeniako*.

É necessário compreender que a resistência é estar presente dentro dos nossos territórios ou fora, mantendo nossa própria língua fortalecida. É manter a produção de cestarias e diferentes tipos de artesanatos de forma ativa. É usufruir os recursos naturais que temos dentro do nosso território de forma controlada e sustentável. É buscar a cada momento manter o Bem Viver e Viver Bem dentro do nosso território para que não haja conflito e venha ser o motivo de saída das famílias do território. Seguir resistindo é demonstrar que os nossos conhecimentos tradicionais e ancestrais estão valorizadas e fortalecidas. Produzir *Ooloda* é resistir, é maneira de manter de apresentar que temos conhecimento e que o conhecimento adquirido de geração em geração e ancestralmente estará sempre presente e preservada.

### **3.5 Terra e Cultura para o Bem Viver e Viver Bem *Medzeniako*.**

Hoje, os estudantes *Medzeniako* estão buscando e procurando entender melhor o sentido e significado e a relevância do território, terra, o que de fato é o bem viver e viver bem, e o que significa cultura para o povo *Medzeniako*, a relevâncias desses termos e conceito. São assuntos que se tornam relevantes entre *Medzeniako*. De fato, esses termos e conceitos tem significado para o povo? Como explicar esses conceitos, por exemplo, dentro dos espaços de ensino nas aldeias *Medzeniako*.

Quando pela primeira vez ouvimos as expressões bem viver e viver bem, nos perguntamos: o que são o bem viver e o viver bem do povo Baniwa? De onde vem o bem viver e o viver bem? Por que são importantes na vida? Ouvir pela primeira vez estas expressões nos motivou a refletir sobre tudo isso. Foi então que começamos a promover debates e a buscar entender as duas expressões e os sentidos que elas podem ter para nós, Baniwa. Uma das conclusões a que chegamos é que elas não são uma novidade para nós. Na verdade, todas as coisas que existem foram criadas no princípio do mundo, nós é que demoramos a entendê-las, a descobri-las e a buscá-las. Ou seja, o **bem viver** e o **viver bem** existem desde a criação.

Nossos ancestrais, sem dúvida, devem ter entendido isso mais do que a nossa geração, que está cada vez mais sendo influenciada pelo mundo globalizante, pensando muitas vezes que o que está lá fora é mais importante. Mas descobrimos que o que faz a humanidade ir descobrindo, redescobrimo, inventando, reinventando e inovando é exatamente o fato de que todas as coisas já existiam, já estavam aqui prontinhas, e tudo já tinha sido criado.

O nosso modo de vida de hoje, por exemplo, já tinha sido previsto desde a criação. Isso é algo muito importante de dizer e entender. É evidente que não vivemos mais puramente da nossa tradição, da nossa cultura, na atualidade; hoje ela é uma mistura da nossa tradição e da relação da nossa cultura com outras, de diferentes povos. A vivência de hoje é consequência do contato do homem branco com os indígenas. Ela nunca foi boa ou fácil, nunca foi sem luta, sempre foi preciso defender a terra porque eles sempre procuraram tomá-la. As nossas terras foram todas transformadas em uma só, chamada Brasil. Mas, depois de 500 anos, conquistamos direitos, sobre a terra inclusive, com a promulgação da Constituição Federal, em 1988. (Baniwa, 2019, pag. 7)

Segundo Baniwa, quando falamos que o nosso sistema de vida de bem viver e viver bem foi destruído pelos colonizadores, pelo Estado brasileiro, pelo capitalismo e pelas igrejas, não é história inventada! Povo *Medzeniako* de fato conviveu essa situação em décadas atrás. Ao longo deste trabalho, em uma parte, relatamos como o efeito da evangelização no Rio Içana afetou as práticas culturais do povo.

A prática cultural ancestral do povo é meio de subsistência. Produção de *Ooloda* na aldeia foi e é sustentabilidade da família. Ao refletimos nessas questões, vamos ver como o efeito colonialista tem prejudicado diretamente a vida do *Medzeniako*. Muitas famílias deixaram de praticar atividades culturais, produzir objetos artesanais e falar sua própria língua.

A colonização é um processo imposto por um povo sobre o outro, por exemplo, sobre os povos indígenas, para tomar suas terras e mudar suas formas de vida. O Estado brasileiro é a organização formal dos colonizadores na terra conquistada, que

reúne seu povo sob um mesmo nome, uma nação. O capitalismo é uma maneira de consumir e destruir outras formas de vida na Terra, é uma vida diferente da dos povos indígenas. Igrejas são instituições das religiões para condenar as culturas e tradições milenares dos povos indígenas. Todas estas instituições são dos colonizadores, portanto, são meios através dos quais eles colonizaram o Brasil e os povos indígenas do país. Os colonizadores são pessoas não indígenas; eles criaram instituições para eles mesmos dirigirem. Foi através delas que se fortaleceram para acabar com os povos indígenas. Eles criaram um mecanismo para quebrar e destruir sistemas milenares indígenas no Brasil. As instituições em si nunca fazem nada, ou seja, são seus dirigentes, seus coordenadores, que executam as ações que vêm extinguindo os povos indígenas no país. A prática é contínua. Constantemente querem destruir os direitos constitucionais indígenas conquistados para depois tomar suas terras e acabarem de uma vez com eles. São as pessoas que são assim, não as instituições. Às vezes encontramos nas instituições pessoas que têm um pouco mais de humanidade e que são a favor dos indígenas, mas, com exceção delas, os outros querem sempre acabar com os indígenas, argumentando que eles atrapalham o desenvolvimento do país.

A destruição dos nossos bem viver e viver bem não aconteceu por acaso. Estava previsto que aconteceria um dia e que, quando acontecesse, estaria chegando o fim do mundo. Segundo a profecia do povo Baniwa, o mundo e a humanidade se originaram aqui na cachoeira de Hipana, o umbigo do mundo, onde tudo começou e onde tudo irá terminar. . (Baniwa, 2019, pag. 15)

E aqui podemos notar que o Povo *Medzeniako*, ao estar reunido nas comunidades para compartilhar seus alimentos, nesse momento aí está acontecendo o “Bem Viver”. Após o compartilhamento da alimentação os mais velhos repassam informações de como serão as atividades semanais na comunidade, e todos concordam com as informações repassadas; aí está acontecendo o “Viver Bem”. Todas as pessoas da comunidade estão acatando as regras existentes, construídas pela própria comunidade, está havendo consenso da relevância cultural e territorial da comunidade.

Ou seja, se todas as pessoas, homens e mulheres estiverem a cada momento “obedientes” e sem ferir a norma de sua própria aldeia e família, aí está havendo o Bem Viver e Viver Bem.

Na região ou território da Aldeia onde há peixes e caças bastantes, e as famílias, homens e mulheres da comunidade os estão consumindo de forma sustentável, de forma controlada essas potencialidades do território, aí está havendo Bem Viver e Viver Bem *Medzeniako*. Quando estiver acontecendo o inverso desses controles, o Bem Viver e Viver Bem *Medzeniako* começa a desequilibrar.

Tudo indica que, para se ter o Viver Bem na Aldeia, não pode haver conflitos entre as famílias, os quais muitas vezes são causados por discordância de uma ou mais pessoas referente à “ordem de controle de uso dos recursos naturais e outros potenciais do território”. Portanto, Bem Viver *Medzeniako* é, por exemplo, ter controle de uso dos recursos naturais existentes no território para que tenha muito tempo de uso dos recursos de forma sustentável.

É preciso reafirmar que, desde o contato com o homem branco, a nossa luta tem sido pela sobrevivência e pela existência, pois aos poucos nossos bem viver e viver bem, nossa vivência, nossos conhecimentos e nossa organização social foram sendo destruídos. Para retomarmos o bem viver e o viver bem, precisamos da garantia de nossos direitos constitucionais. Necessitamos lutar, agora, para manter nossos direitos e para que possamos continuar reconstruindo o nosso bem viver.

Os tempos passaram, os tempos vêm e sempre virão; deveria ser para melhor, mas para os indígenas não existe nada de melhor no porvir. Na verdade, não tem nada de melhor para o mundo, não tem nada de melhor para os mundos diferentes, ao contrário, só ameaças. Só depende de nós mesmos que os novos tempos sejam melhores, pois se não existisse alguém fazendo deles tempos ruins, eles não seriam ruins. Por isso, é fundamental que sempre nos perguntemos: quem é que faz isso? Quem é responsável por esta situação? Por que os causadores dos problemas não conseguem se contentar com a crueldade que já fizeram com os povos indígenas? O que move essas pessoas? Será que de fato são educadas e civilizadas? Será que não têm sentimentos, não têm sangue nas veias, por isso tiram o sangue e as terras dos outros a qualquer custo? (Baniwa, 2019, pag. 20)

### 3.6 A produção de *Ooloda/Urutú* para a atividade das famílias e o comércio.

Ressalto que o *Ooloda/Urutú Medzeniako*, é patrimônio do homem, da mulher, da família e do Povo *Medzeniako*. As produções de *Ooloda* são fundamentais na vida do *Medzeniako*. É um material e produto que faz parte de subsistência do nosso povo *Medzeniako*. Os produtores individuais *Medzeniako*, apesar da falta de incentivo e apoio do poder público governamental nas questões de comercialização, conseguem comercializar suas cestarias e gerar renda para manter sua família.

Os *Ooloda/Urutús* são produzidos em diversos tamanhos, assim como são utilizados em diversas finalidades. Não se pode esquecer, entretanto, que historicamente o *Ooloda* é um material considerado patrimônio material e cultural das famílias *Medzeniako* exatamente por sua relevância na vida cotidiana das famílias. É nesse sentido que a prática, a produção, mantém a existência, resistência e fortalecimento de conhecimento ancestral e cultural do Povo.

**Figuras 37 e 38 (conjuntos horizontais de três).** Autor com cestaria *Medzeniako* e exemplos de *Ooloda/Urutús* em sua variedade.





Fotos: Arquivo pessoal\_2023.

Lhiatsa maatshiri makoada khankatsa nakaoñaka lhie Ooloda, rirapittiná kadaana padzeekata kani. Matsia mitha lhie kakaoda phaakatsani, neeni dekha mitha liaphaatsa pawháka liikhette. Pattaita karotsha pakapaka likoada. (Davi Baniwa)

Muitos produtores relatam que ficam desanimados às vezes por causa do preço do Urutu na hora de vendê-lo. Imaginam que se de fato fosse valorizada, se o valor fosse maior, compensaria o sofrimento percorrido ao longo do processo de sua construção. Às vezes desanimo é exatamente por levar vários dias para produzir e na hora de vendê-lo o seu preço a qual às vezes é dada pelo comprador, não dá retorno.

Hoje são produzidos pequenos *Urutus* para serem vendidas nos comércios. Varias famílias que residem na sede do município em São Gabriel da Cachoeira exercem essa atividade. Produzem *Urutus* de vários tamanhos para vender nos comércios da cidade. E essa prática gera sustentabilidade para a família do produtor.

E vale salientar mais uma vez que o *Ooloda/Urutu* para o povo *Medzeniako*, que historicamente tem sido fundamental na vida das famílias *Medzeniako*, o *Ooloda/Urutu* que é utilizado pelas famílias de forma frequente ou de forma diária, já não é muito vista. Já não é produzida para venda, e não é encontrada nas lojas ou nos espaços de vendas de cestarias. Essa *Ooloda/Urutu* que estamos falando, é material fundamental na vida das famílias *Medzeniako* para suas atividades, para armazenar alimentos e é utilizado conforme as necessidades da família. *Ooloda/Urutu* é produzida em tamanhos diversificada. E a critério e criatividade do produtor é impressionante. *Ooloda/Urutu*, patrimônio material e imaterial das famílias *Medzeniako* é vida, é cultura, é história, é pratica cultura, é ancestralidade, é resistência, é bem viver e é sustentabilidade.

**Figuras 39 e 40.** *Ooloda*, o patrimônio material e imaterial das famílias *Medzeniako*.





Fotos: arquivo pessoal\_2024

#### 4. CONCLUSÃO

O fortalecimento e preservação da Memória Cultural, cestaria *Ooloda/Urutú Medzeniako* é relevante, gratificante e significativa. A prática, a técnica da produção, o significado da cestaria *Ooloda/Urutú* entre os *Medzeniako* faz parte do conhecimento tradicional e ancestral. Ela é relevante por ser uma estratégia de (re) existência e despertador do interesse dos mais jovens em reviver a memória cultural e prática.

Há diversas pesquisas que relatam, analisam e discutem essa temática do patrimônio cultural dentro das diferentes áreas de conhecimento. E diversos trabalhos têm foco em “cestarias ou arte *Medzeniako*”, todavia, faltava-se tratar especificamente da importância de um material considerado como patrimônio para um povo.

Contudo, a importância da memória nos move como pesquisadores para registrar e relatar os conhecimentos ancestral, territorial e cultural, sendo significativo para o nosso povo. Assim, nesta pesquisa, enfatizar a relevância e necessidade de discutir e relatar esta temática do patrimônio cultural, material e imaterial, especificamente do tipo de cestarias *Medzeniako*, requer a compreensão sua e a relevância em geral. Pois o relato desta temática pode ser uma ferramenta de trabalho nas Aldeias e espaços escolares e sendo fator fundamental no fortalecimento e valorização cultural.

Trabalho de pesquisa dessa magnitude propõe essa troca, que realmente seja uma discussão comunitária, acadêmica e científica, e que ganhe a visibilidade necessária para que o povo *Medzeniako* e outros tenham ciência da importância de conservar, preservar, valorizar e fortalecer os conhecimentos patrimoniais, tradicionais, ancestral, cultural e científicas do Povo.

Esta pesquisa procurou abordar e envolver o coletivo, mais especialmente os produtores do *Ooloda/Urutú* e os comerciantes das cestarias; sempre pondo em reflexão e discussão como essa cultura material e imaterial é significativa para o povo. E com o termo envolvimento, procurei chamar atenção para uma característica da análise que pretendia colocar em prática neste trabalho: o foco privilegiado nas relações concretas entre pessoas e coisas durante a produção das cestarias, especificamente do *Ooloda/Urutú Medzeniako*. E na sequência ouvir os produtores se de fato esta prática está dando efeito na vida dos mesmos, tanto financeiramente e na questão de sua valorização.

Nas primeiras partes do trabalho, nos vimos que o Povo *Medzeniako* enfrentou de diversas formas a força da colonização, influência religiosa e outros desafios. E hoje, as

histórias nos levam para uma reflexão profunda quando vemos que logo no início da presença dos não *Medzeniako* entre o povo já iniciou um efeito negativo a qual nos leva para uma imaginação de como seria se o encontro e a chegada do não indígena fossem diferentes.

Na sequência, podemos ver que o sentido e o significado de patrimônio para o povo *Medzeniako* são relevantes, porque faz parte do dia a dia, faz parte da história, faz parte do mundo *Medzeniako*, faz parte da vida cultural do Povo. Assim como a cestaria é patrimônio do povo. É como se fossemos falar da história do povo *Medzeniako*, e ao mesmo tempo estamos falando de cestaria do Povo *Medzeniako*.

A colonização tentou desvalorizar nossos conhecimentos. Produção do *Ooloda/Urutú* foi um deles. Mas, indo direto a esta temática, vamos ver que houve resistência e existência, e hoje podemos dizer que seguimos trilhando de forma fortalecida, promovendo de forma consciente a existência e resistências dos nossos conhecimentos. E o foco deste trabalho foi e é exatamente contribuir com o fortalecimento da cultura patrimonial do Povo, valorizar nossos conhecimentos ancestral e cultural.

E nesta pesquisa, fazer crítica da cultura e das formas das artes conforme a linha de pesquisa, só foi possível acontecer através da minha trajetória no período do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Sendo um espaço fundamental para reflexão e aprendizados teóricos que foram contextualizados pelos conhecimentos que tenho acumulando como pesquisador *Medzeniako* em diálogo com o povo.

Nesse sentido, não só por necessidade, mas sendo como obrigação, foi trazer já no início deste trabalho, no primeiro momento, a minha trajetória, de onde eu vim, minhas formações e assim como todos nós, a rica memória e conhecimento que eu tenho adquirido na vivências entre o povo *Medzeniako*. Nos, homens e mulheres do povo *Medzeniako*, a nossa maior escola é dentro da nossa casa, dentro da nossa aldeia, no nosso cotidiano em nossas aldeias. Maior aprendizagem que temos adquirido aconteceu ou foi dentro das nossas caldeias. Pois o ensino está no momento das pescarias, durante a caça, no momento das construções de canoas de madeira e remos e ao fazer as nossas casas utilizando material todos extraído da natureza de forma sustentável.

E dando continuidade, a escrita da tessitura do Povo *Medzeniako* foi feita, como dizia o ditado, “entre tapas e beijos”. Porque contar e construir a história do nosso povo, é contar como nosso povo foi massacrado através da colonização de exagerada, e relatar como a influência da colonização feriu profundamente a felicidade e liberdade que tínhamos antes das

chegadas dos não *Medzeniako* dentro do nosso território, ferindo nossa cultura, nossos conhecimentos e o nosso modo de ser e de viver. Nossa forma de se organizar e ver o mundo.

Portanto, o que esta pesquisa propõe de fato é contribuir através desse relato e escrita a troca de conhecimento e fortalecimento cultural, para que realmente seja uma discussão comunitária, acadêmica e científica e, principalmente, que seja discutida e trabalhada dentro das escolas indígenas *Medzeniako*. E, assim, os jovens *Medzeniako* possam sentir firmeza e necessidade de reconhecimento e valorização dos patrimônios materiais e imateriais do seu Povo. Que estejamos cientes da importância de conservar, preservar, valorizar e fortalecer os conhecimentos patrimoniais, tradicionais, ancestral e científico do nosso Povo, especificamente, do *Ooloda/Urutú*, assim como outros materiais e cestarias *Medzeniako*.

Finalizo minhas considerações, manifestando minha admiração aos produtores do *Ooloda*. Dizer que esses produtores são muito valiosos para nós. E que merecem muito atenção, que os movimentos indígenas de fato valorizem os trabalhos deles. Que as escolas aproveitem esses conhecimentos relevantes através de realização de oficinas de produção de cestarias, com a participação dos produtores. E que, os produtores de cestarias devem ser vistos e valorizados como mestres e doutores desses conhecimentos ancestrais.

## 5. GLOSSÁRIO

**Medzeniako** = Um Povo falante de sua própria língua pertencente ao território do Rio Içana e seus afluentes.

**Medzeniakonai** = Povos falantes de sua própria língua pertencentes ao território do Rio Içana e seus afluentes. (*medzeniako* em plural. **Nai** ‘os ou eles’).

**Ooloda** = *Urutú* Cestaria feita de fibras de arumã.

**Urutú** = Cestaria feita com fibras de arumã.

**Kaanheekhe peri** = Saber notórios e conhecedores

**Tsúpa Iittipe** = Rabo do peixe Pacu “grafismo”

**Íiwido hûpa** = Pé de maçarico/Pássaro

**Mokoto** = Uma cesta “material” feito com folhas de palmeiras. Dentro da floresta.

**Oni-poapoa** = Arumã-da-água

**Poapoa** = Arumã

**Japurutu** = Instrumento musical especificamente para uma dança.

**Carriçu** = Instrumento musical especificamente para uma dança. “dupla”.

**Zarabatana** = Instrumento de caça.

**Curadá** = Beiju feito com goma

**Comatá** = Material para espremer massa da mandioca.

**Kaatani** = Toma cuidado por onde for andar e tenha respeito aos seus próximos

**Iniali** = Nome do rio içana na língua *Medzeniako*

**Kowai** = Símbolos de purificação

**Ñapirikoli** = Figura de Cristo Salvador e como poderoso o símbolo de salvação e imortalidade.

**Caxiri** = Bebida indígena fermentada (quando ingere bastante, a pessoa fica bêbada)



## 6. REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: EFGV, 2005.
- ALMEIDA, Maria Celestino. Os índios na história do Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p.14-28.
- BANIWA, André. 25 anos de gestão de associativismo da OIBI para o bem viver Baniwa e Koripako São Gabriel da Cachoeira: OIBI, 2018.
- Baniwa**, André Fernando, 1971-. **Bem viver e viver bem: segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro** – Curitiba: Ed. UFPR, 2019
- CABALZAR, A.; Ricardo, C.A. **Povos Indígenas do Alto e Médio Rio Negro**: Uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia Brasileira. São Paulo & São Gabriel da Cachoeira: ISA & FOIRN, 1998.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.
- Casimiro**, Dario Emilio. Processo de organização etnopolítica Medzeniako (Baniwa e Koripako): (re) configuração do fazer político no Hiniali. 2022.
- FOIRN- FUNAI- ISA-**Governança e Bem Viver nas Terras Indígenas do Alto e Médio Rio Negro**. Boletim Editorial Informativo. Julho de 2018
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril, 1995.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LARAIA**, Roque de B. (1932). Cultura um conceito antropológico. (2001, 18.ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LIRA, Daniel Oliveira. **O Museu do Índio como Salvaguarda de Saberes: O Projeto de Documentação Baniwa**. 2021. UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2021.
- POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1989.
- POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, vol.10. São Paulo: FGV, 1992.
- PEREIRA De Queiroz, M.I. (1988) - **Relatos Oraís: Do Indizível ao Dizível**. São Paulo: 2022
- VELTHEM, L.H.; LINKE, I. L.V. **O livro do Arumã**: Wama Pampila: Aruma Papeh. São Paulo: Iepé, 2014.

VEIGA, Patrícia Regina Vannetti, 1983- **Do oral para o escrito: a narratividade em nheengatu no Alto Rio Negro - AM** / Patrícia Regina Vannetti Veiga. – Campinas, SP: [s.n.], 2015

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades**. São Paulo 1995.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. São Paulo: PUC/SP, 1993.

PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. (1988) - **Relatos Oraís: Do Indizível ao Dizível**. Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil). São Paulo.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, vol.10. São Paulo: FGV, 1992.

#### ACESSOS:

André e Bonifácio. **Artesanato dos Índios Baniwa** (1996) acesso em 05 de maio em: [Artesanato dos índios Baniwa \(viverde.tur.br\)](http://viverde.tur.br)

André e Bonifácio. **Artesanato dos Índios Baniwa** (1996) acesso em 10 de julho de 2023

ASSMANN, Jan. **Memória cultural: o vínculo entre passado, presente e futuro**. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural-o-vinculo-entre-passadopresente-e-futuro>> acesso em: 21 de julho de 2023

“**Baniwa – povo indígena do Brasil**”. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/> acesso em: 16 de julho de 2023.

[https://pib.socioambiental.org/pt/Arte\\_Baniwa](https://pib.socioambiental.org/pt/Arte_Baniwa) Acesso em 17 de julho de 2023.

<https://www.fadc.org.br/noticias/100-anos-da-semana-de-arte-moderna-o-conceito-de-arte-e-suas-formas-de-expressao>. Acesso em 22/08/2023.